

Quem

é

Quem

?

na Indústria Farmacêutica
em Portugal

2022

Propriedade

Megafin, Sociedade Editora SA

Diretor

Filipe Alves

Subdiretores

André Cabrita Mendes, Lígia Simões, Nuno Vinha e Ricardo Santos Ferreira

Diretor de arte

Mário Malhão

Coordenação

Ricardo Santos Ferreira

Conteúdos Editoriais

Ricardo Santos Ferreira e Tiago Caeiro (Saúde online)

Área Comercial

Cláudia Sousa (Diretora), Elsa Soares, Isabel Silva, Ana Catarino e Cristina Marques

Fotografia

Cristina Bernardo e Bloomberg

Design e Paginação

Rute Marcelino (coordenadora)

Impressão

Finepaper

Revista distribuída

com **O Jornal Económico** nº 2147 de 27 de maio de 2022**Sede e Redação**Rua Vieira da Silva 45,
1350-342 Lisboa

O ritmo (lento) da inovação em Portugal

**Tiago Caeiro**

Jornalista da SaúdeOnline

“A maior ambição do inovador é que sua inovação se torne tradicional”, dizia o poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade. A banalização de uma invenção (mais ou menos disruptiva), através do uso corriqueiro por uma determinada população, é, provavelmente, o sonho maior dos seus criadores. É o ponto máximo da sua criatividade, ambição, trabalho e persistência.

Em Portugal, contudo, pode não haver persistência que resista a tanta burocracia e imobilismo nos procedimentos, o que faz, amiúde, com que muitas boas e promissoras ideias nunca vejam a luz do dia. É o crónico fado do país adiado, em mais um capítulo. Na área da saúde, as dificuldades que entidades e empresas enfrentam são particularmente evidentes. Se é verdade que a inovação em saúde “não é só o grande medicamento”, como sublinha o professor de Economia da Saúde Pedro Pita Barros, é impossível, por outro lado, ignorar a importância dos ensaios clínicos, que representam a esperança de um combate futuro mais eficaz contra inúmeras doenças. E Portugal marca passo.

Em apenas dois anos, comparando os dados de 2020 com os do primeiro trimestre deste ano, o tempo médio que o Infarmed demora a decidir se aprova ou não um ensaio clínico duplicou, para 44 dias úteis. Se tivermos em conta que a maioria dos ensaios autorizados recaem sobre a área da oncologia, temos uma ideia do impacto que a burocracia pode ter na vida de milhares pessoas, que acedem mais tarde, e geralmente em piores condições, aos medicamentos que lhes poderão salvar a vida. Em média, os portugueses esperam cinco vezes mais do que os alemães por medicamentos inova-

dores: 133 dias na Alemanha contra 676 dias – uns longos 22 meses – em Portugal. Trata-se de uma diferença abissal, que deveria levar os responsáveis no sector a uma reflexão profunda, de modo a acelerar processos, melhorar o recrutamento dos doentes, alocar mais recursos a esta área, dar mais autonomia de gestão aos centros de investigação. No fundo, promover uma estratégia nacional.

A gestão corrente do dia a dia não basta. É para todos evidente a importância da inovação em saúde, para que Portugal consiga aumentar a competitividade científica, mas também económica, em comparação com outros países – alguns têm aproveitado as carências lusas nesta área para se distanciarem, como os países de Leste e os bálticos (a até o Brasil).

Contudo, o problema da inovação em Portugal não reside apenas na burocratização dos procedimentos por partes dos reguladores. Há lacunas também no processo de transformação da investigação em produtos ou serviços destinados ao mercado, faltando capacidade – muitas vezes, financeira – para prosseguir além das primeiras fases de desenvolvimento. A falta a ligação da academia às empresas, a “ponte” entre a ideia e prática, é, muitas vezes, estreita.

O acesso à inovação é fundamental e tem de ser, senão garantido, pelo menos impulsionado pela indústria farmacêutica. Por isso, nesta edição, perguntamos aos grandes players da indústria que estratégias desenvolvem para responder ao desafio da inovação. Identificadas as lacunas, é fundamental dar palco às soluções e boas práticas para que a inovação acelere e de se desenvolva em Portugal e passe do domínio do abstrato para a vida concreta de cada um de nós.



em parceria com

SAÚDE ONLINE



O Jornal Económico

Atualize os seus dados
para a próxima edição



Envie os seus dados para:

Telef: 217 655 300

E-mail: comercial@jornaleconomico.pt



P5

06 **Análise**

A indústria farmacêutica portuguesa tem progredido a um ritmo acelerado, nos últimos anos, superando a evolução da economia. Depois da resposta à pandemia, pretendem-se condições para se aproveitarem as oportunidades que estão a surgir, como a aposta na reindustrialização europeia.

10 **Entrevista**

João Neves, secretário de Estado da Economia, diz que a indústria farmacêutica “pode e deve” aproveitar as oportunidades, valendo-se dos meios financeiros que as empresas terão à disposição.

14 **Entrevista**

João Almeida Lopes, presidente da Apifarma, defende uma maior aposta na inovação e na investigação e o reforço da capacidade de atrair e reter talento, para tornar a indústria farmacêutica portuguesa mais competitiva.

16 **Opinião**

Joaquim Cunha, diretor executivo do Health Cluster Portugal, escreve sobre a Nova Saúde, que traz uma “evolução disruptiva face à realidade que hoje conhecemos”.

16 **Análise**

Os pontos fortes e os pontos fracos da indústria farmacêutica portuguesa, numa altura em que o quadro internacional está em mudança.

20 **Entrevista**

Pedro Pita Barros, professor de Economia da Saúde da Nova SBE defende que as “entidades de saúde têm de ter a capacidade de olhar para a inovação e integrá-la no seu pensamento habitual”. Incluindo o Estado.

22 **Entrevista**

Nelson Pires, diretor-geral da Jaba Recordati, alerta que os custos de fabrico dos fármacos já aumentaram mais de 40%, por causa das dificuldades provocadas pela pandemia de Covid-19 e pela guerra na Ucrânia.

22 **Fórum**

Agentes do mercado em discurso direto sobre inovação e tendências de desenvolvimento

37 **Diretório**

Diretório das mais relevantes empresas farmacêuticas a operar em Portugal



P10



P14



P22

Preparação para o aproveitamento de oportunidades pós-pandemia

A atividade da indústria farmacêutica portuguesa tem progredido claramente, nos últimos anos, a ritmos superiores aos da economia, mas ainda sem atingir os níveis europeus. No rescaldo da pandemia de Covid-19, o que se procura saber é como pode o sector ser mais competitivo, para aproveitar as oportunidades que se perfilam, nomeadamente, com a aposta na reindustrialização da Europa.

A indústria farmacêutica portuguesa tem crescido a um ritmo acelerado, nos últimos anos, superando largamente o da economia, com uma progressão registada do volume de negócios de 41,5%, entre 2016 e 2020, o que multiplica por quase seis vezes a progressão do produto interno bruto (PIB). Mesmo se estendermos o período de análise da evolução da economia em um ano, ultrapassando a mais profunda retração da economia portuguesa – de 8,4%, em 2020 –, a atividade da indústria farmacêutica cresceu a um passo que mais do que triplica o da economia. Em 2020, o sector farmacêutico empregou mais de 9.000 pessoas e gerou um volume de negócios de quase 1,7 mil milhões de euros.

“Nos últimos anos, a indústria farmacêutica nacional tem registado uma trajetória de crescimento contínuo, superando a performance das indústrias transformadoras nos principais indicadores económicos e financeiros”, diz ao Jornal Económico Hermano Rodrigues, principal da EY-Parthenon, consultora que tem acompanhado de perto a evolução da indústria farmacêutica portuguesa. Comparando a indústria farmacêutica com a indústria transformadora vemos que aquela cresceu oito vezes mais rápido em termos de volume de negócios e de vendas ao exterior, e de uma dúzia de vezes

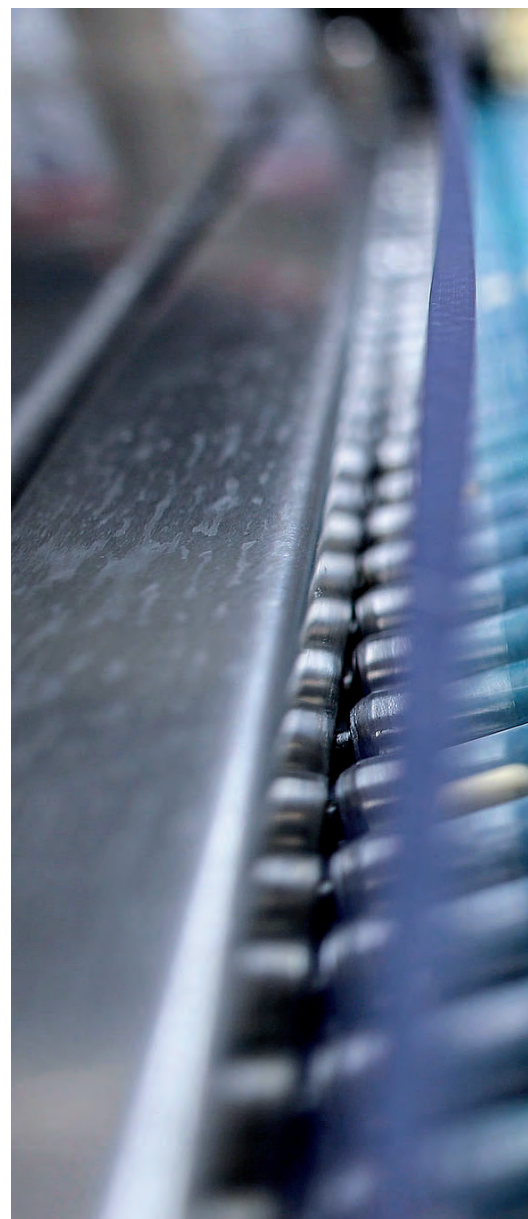
Pela sua natureza, ao contrário do que

aconteceu com a maioria das atividades económicas, a pandemia de Covid-19 não foi um travão, mas um acelerador do desenvolvimento da indústria farmacêutica portuguesa. Os motores que propulsionaram este desempenho foram o investimento e as exportações, que, entre 2016 e 2020, aumentaram 73%, no primeiro caso, para perto de 1,4 mil milhões de euros, e 62%, no que respeita ao investimento, para quase 200 milhões de euros.

No mesmo período, o valor acrescentado bruto (VAB) da indústria farmacêutica cresceu uns robustos 61%, para 710 milhões de euros, sendo que, de 2019 para 2020, a progressão foi de 32%. A taxa de crescimento anual composta (CAGR, na sigla em inglês) da indústria farmacêutica portuguesa foi de 18%, no período em análise, o que mais do que triplica os 8% registados pelo sector, na União Europeia a 27 (já sem incluir o Reino Unido).

Só que, mesmo com esta evolução, os níveis de desempenho da indústria farmacêutica portuguesa e o seu peso no sector da saúde e no conjunto da economia continuam a ser inferiores aos valores de referência na Europa.

“A indústria farmacêutica encontra-se concentrada em alguns grupos empresariais relevantes no contexto nacional, cuja dimensão e produtividade não confere ainda a escala suficiente para competir adequadamente com os congéneres



europeus ou do mundo desenvolvido”, diz Hermano Rodrigues.

“Apesar de a saúde e, em particular, a indústria farmacêutica, constituírem áreas de aposta em Portugal, vários estudos que temos realizado mostram que ainda escasseia muito a valorização económica de resultados do investimento realizado. Na verdade, aproximadamente 70% do investimento em I&D [investigação e desenvolvimento] em saúde é realizado por entidades não empresariais. Não é estanho, assim, que as indústrias dos produtos de saúde exibam um peso muito pouco expressivo na economia nacional. Países de dimensão comparável com Portugal, como a Suíça, a Dinamarca, a Bélgica, a Irlanda ou Israel, percebe-



ram há muitos anos o caráter estratégico da saúde, priorizando as apostas da sua política de competitividade para a sua cadeia de valor”, acrescenta Rodrigues, exemplificando que, “na Suíça, o peso do VAB das indústrias dos produtos de saúde no conjunto das indústrias transformadoras ultrapassa os 29%, na Dinamarca está além dos 25% e na Bélgica acima dos 19%. Em Portugal, o peso do VAB das indústrias dos produtos de saúde no conjunto das indústrias transformadoras não vai além dos 3%”.

“A MARGEM DE PROGRESSO É GIGANTESCA”, SUBLINHA.

Este retrato é importante, porque é a partir dele que se podem aproveitar as



Hermano Rodrigues
Principal, EY-Parthenon

oportunidades identificadas no pós-pandemia e que, de alguma forma, se cristalizam ainda mais rapidamente com os reflexos da crise criada pela invasão russa da Ucrânia. Nesta publicação, o presidente da Apifarma – Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica diz que a pandemia evidenciou a capacidade de inovação do sector e, também, mostrou que as cadeias de valor demasiado longas são um risco que pode ser demasiado elevado. “São lições que temos de aprender. O caminho a seguir para conseguirmos inverter esta situação, em que vários mercados ganham competitividade em relação à Europa, passa pela aposta numa indústria europeia forte e robusta”, diz. Este processo de reindustriali-



zação constitui uma oportunidade, que pode e deve ser aproveitada, como refere o secretário de Estado da Economia, que aponta o enquadramento proporcionado pelo acesso a fundos europeus, nomeadamente no âmbito do Programa de Recuperação e Resiliência. “É esta uma grande oportunidade para estimular o desenvolvimento das indústrias da saúde, nomeadamente na valorização do conhecimento e na valorização comercial da I&D”, diz, em entrevista publicada nas próximas páginas.

“A presente crise constitui uma oportunidade para corrigir erros do passado e mitigar os riscos da globalização das cadeias de produção, exigindo um equilíbrio entre um maior consumo a preços baixos e o grau de dependência face ao exterior”, diz o principal da EY-Parthenon. “Existe, efetivamente, uma oportunidade para promover a reindustrialização da Europa e a recuperação de uma maior soberania. Neste contexto, o reforço das indústrias da saúde nacionais poderá aproveitar as oportunidades existente no espaço europeu”, acrescenta.

ATUAÇÃO EM CINCO VETORES, PARA APROVEITAR OPORTUNIDADES

Como podem ser aproveitadas as oportunidades que agora se apresentam? “Des-

de logo, no que respeita à promoção de inovações incrementais, através da introdução de fatores diferenciadores em produtos existentes”, refere Hermano Rodrigues. Acrescenta, também, a promoção do investimento em produtos inovadores, “essencial para o desenvolvimento da posição da indústria farmacêutica nacional nas cadeias de valor globais”, e responder à “necessidade de capacitar a indústria farmacêutica nacional com um conjunto de tecnologias inovadoras, sofisticadas e promissoras em saúde, que possibilite a adoção de novas abordagens terapêuticas e a fabricação de produtos com novos graus de eficácia no tratamento”.

No final, para que as oportunidades possam ser aproveitadas, é necessária a criação das condições para tornar a indústria farmacêutica mais competitiva, posicionando-a para avançar na cadeia de valor. A “promoção da competitividade da indústria farmacêutica nacional passa essencialmente por dois grandes segmentos: medicamentos inovadores e medicamentos essenciais. O primeiro tem subjacente o desenvolvimento de capacidades para exploração avançada da cadeia de valor, com vista à exploração de oportunidades que permitam posicionar a indústria nacional em segmentos de valor acrescentado”, refere Hermano Rodrigues.

Para a EY-Parthenon, para promover a competitividade da indústria farmacêutica portuguesa, é necessária uma atuação em cinco vetores essenciais: contexto regulatório e administrativo, política do medicamento, apoios à I&D e inovação, contexto fiscal e regime público de contratação e pagamento, todos eles dependentes do Estado.

No caso do contexto regulatório e administrativo, a consultora defende a consolidação do quadro legal e normativo, tornando-o mais claro e incisivo, mas também a redefinição do modelo de regulação e correção de situações de conflitos de interesses, assim como a redução da carga administrativa e a simplificação dos processos administrativos. A questão da carga administrativa surge, também, explicitada quando se fala de contexto fiscal, em que é requerida uma “ponderação” dos encargos administrativos, mas também o reforço de incentivos direcionados à valorização de conhecimento e da tecnologia, além da necessidade de investimento na simplificação o regime fiscal.

Outro vetor a necessitar de ser trabalhado é o da melhoria do quadro de apoio à I&D e inovação, incluindo a valorização e profissionalização dos ensaios clínicos, que são uma questão recorrente apontada pela indústria, mas sem que se registem avanços relevantes. A inovação surge referida, também, no quadro da necessidade de alterações à política do medicamento, defendendo-se a promoção do acesso sustentável à inovação, num quadro de sustentabilidade do Serviço Nacional de Saúde, através de mecanismos alternativos. Finalmente é apontada a necessidade de redução de prazos de pagamentos dos operadores públicos, assim como a revisão dos procedimentos de contratação pública.

“Globalmente, deve existir uma maior tutela económica na saúde orientada para a inovação, a criação de valor e a atração de investimento, que promova uma política do medicamento estratégica para a sustentabilidade e competitividade da indústria farmacêutica nacional”, aponta Rodrigues.

DESCARREGUE AQUI



Nova app. Toda a informação sobre Saúde na palma da sua mão



Tenha acesso a:

- Atualidade noticiosa
- Entrevistas e artigos de opinião
- Agenda de eventos
- Mais recente evidência científica

Faça já o download da nossa app

SAÚDE  ONLINE

Com o apoio:



TECNIMEDE
GROUP



Por Ricardo Santos Ferreira

João Neves, secretário de Estado da Economia

“Reindustrialização e aposta no sector da saúde são temas centrais na agenda”

O secretário de Estado da Economia, João Neves, considera que a indústria farmacêutica portuguesa deu uma resposta excecional à pandemia de Covid-19 e que os dados de evolução a atividade o espelham. Agora, deve responder ao desafio da competitividade.

A indústria farmacêutica portuguesa sai mais forte da crise provocada pela pandemia de Covid-19, apoiada no crescimento da atividade e na evolução positiva das vendas ao exterior, pronta para enfrentar um novo desafio. Em entrevista, o secretário de Estado da Economia, João Neves, diz que a indústria “pode e deve” aproveitar as oportuni-

dades que e apresentam com os processos de reindustrialização na Europa e com a redefinição das cadeias de abastecimento, valendo-se dos meios financeiros que as empresas terão à disposição.

Do seu ponto de vista, como viu a evolução da indústria farmacêutica portuguesa durante o período de

pandemia? O papel económico do sector foi reforçado?

Os números são claros quanto à evolução da indústria farmacêutica portuguesa nos últimos anos e do papel que assumiu durante o período de pandemia. Desde o aparecimento da Covid-19, este sector aumentou o seu volume de negócios em 15% e a exportação de produtos farma-



REPÚBLICA
PORTUGUESA

ECONOMIA

cêuticos cresceu 10%. Tais números são o resultado do compromisso assumido pelo sector na resposta ao período excepcional que atravessámos, colaborando em estreita articulação com os prestadores de saúde, na partilha de conhecimento e no fornecimento de medicamentos, bem como na sua rápida adaptação e capacidade de resposta aos novos desafios.

Tendo em conta a transformação ocorrida – tanto dos mercados, como do enquadramento – que oportunidades se apresentam no pós-pandemia, nesta área, e como podem ser aproveitadas?

A recente crise pandémica foi ilustrativa da relevância da área da economia da saúde e da necessidade de assumir a indústria farmacêutica como estratégica e prioritária – nomeadamente, para dar uma resposta cada vez mais robusta e efetiva perante novos choques que venham a surgir em termos de saúde pública e para aumentar o bem-estar e a esperança de vida da população. Estamos, hoje, também, conscientes de que foi graças à capacidade de adaptação da indústria e ao progresso na inovação, resultante de parcerias entre em-

presas e centros de saber, que foi possível conceber respostas céleres às necessidades colocadas pela pandemia.

A reindustrialização e a aposta no sector da saúde assumem-se, por isso, como temas centrais na agenda para a próxima década.

Neste sentido, a estratégia de recuperação pós-pandemia terá uma forte aposta na saúde e na resiliência económica, com novos instrumentos para a capacitação empresarial e para o aumento da nossa autonomia, na qual os fundos associados ao Plano de Recuperação e Resiliência [PRR], já em curso, terão um papel determinante. O sector farmacêutico deverá aproveitar esta oportunidade para, através da mobilização dos seus intervenientes, realizar investimentos importantes para apoiar a transformação da nossa economia e sociedade.

Falámos sobre a reindustrialização da Europa e a necessidade de encurtar cadeias de abastecimento, pelo que aconteceu durante a pandemia e, agora, com a guerra na Ucrânia. A indústria farmacêutica portuguesa pode aproveitar este movimento? Está já a aproveitar?

Os desenvolvimentos internacionais observados ao longo das últimas décadas vêm expondo a necessidade de reforçar a liderança europeia ao nível industrial. O aparecimento da pandemia Covid-19 e o impacto que esta gerou nos mais diver-

sos sectores, bem como a incerteza geopolítica que emerge do atual conflito na Ucrânia, leva-nos a retirar ilações sobre a posição europeia e nacional face aos grandes mercados globais, repensando o papel da indústria na procura por uma maior autonomia estratégica.

O processo de transformação estrutural em curso, que beneficiará não só dos fundos do PRR, mas também do novo Portugal 2030 [próximo quadro de fundos europeus], pode e deve ser aproveitado pela indústria farmacêutica para o fabrico de produtos com maior valor acrescentado e maior incorporação tecnológica, corrigindo, assim, a dependência excessiva de mercados longínquos. A participação e dinamismo desta indústria já vem sendo observado ao nível das candidaturas às agendas mobilizadoras para a inovação empresarial, com propostas para o desenvolvimento de produtos inovadores.

A escassez de talento em algumas áreas tem sido apontada como um obstáculo ao desenvolvimento e, exatamente, à inovação. Como é que Portugal pode atrair e reter talento na área da saúde?

Embora o forte fluxo de emigração verificado na década passada, que envolveu a fuga de perfis altamente qualificados, tenha afetado a oferta de trabalho em Portugal, creio que temos hoje um país mais atrativo e que oferece melhores condições para quem pretende prosseguir a sua vida profissional e pessoal em Portugal, ou pretenda criar o seu próprio negócio. Esta evolução é evidente quando olhamos para as estatísticas migratórias que apontam para um saldo crescentemente positivo desde 2017.

No entanto, com a redução da população desempregada para valores que já não eram vistos há quase 20 anos, temos verificado situações em que existe falta de mão-de-obra em determinados sectores ou funções específicas. Neste âmbito, têm sido já implementadas, ao longo dos últimos anos, algumas medidas para acautelar esta situação, nomeadamente para reter talento em Portugal, incentivar o regresso daqueles que saíram durante a crise da última década, ou aumentar a nossa atratividade enquanto país destino. Até ao momento, o sucesso de programas

“**O processo de transformação estrutural em curso, que beneficiará não só dos fundos do PRR, mas também do novo Portugal 2030, pode e deve ser aproveitado pela indústria farmacêutica**”

“

Estou convicto de que o crescimento e o desenvolvimento do sector farmacêutico trarão capacidade para Portugal elaborar mais ensaios clínicos. São um elemento crucial para a inovação”

como o Regressar e o Tech Visa, as medidas lançadas de apoio à natalidade e à habitação ou mesmo a recetividade sentida face ao IRS Jovem, permitem olhar para o futuro do mercado de trabalho com algum otimismo.

O investimento é um fator decisivo, especialmente em sectores como este, em que a investigação é fundamental. Como pode Portugal atrair investimento e reforçar a capacidade das empresas da indústria farmacêutica?

Estamos certos de que o caminho do progresso passará por mais e melhor investimento público e privado, direcionado para a digitalização do tecido industrial, e para a aposta em I&D [investigação e desenvolvimento] e na inovação, numa política económica promotora de crescimento e de criação de valor. Será esta a receita para produzir produtos com maior valor e para aumentar o perfil de especialização das empresas.

Neste sentido, existem diversas medidas previstas no Orçamento do Estado para 2022 direcionadas para o estímulo do investimento privado e para a investigação – de que a indústria transformadora poderá beneficiar –, dando continuidade ao caminho seguido nos últimos anos, e que resultou num acentuado ritmo de crescimento do investimento empresarial em Portugal, bem como pelo aumento substancial do seu peso no PIB [produto interno bruto].





A título de exemplo, o Banco Português de Fomento será reforçado em mais de 250 milhões de euros para apoiar a capacitação e financiamento empresarial, em particular das PME [pequenas e médias empresas], e a criação do Fundo de Capitalização e Resiliência permitirá aumentar a solvência das sociedades comerciais afetadas pela crise pandémica. Adicionalmente, está previsto um novo Incentivo Fiscal à Recuperação, permitindo a dedução à coleta de parte das despesas em investimento, assim como outras medidas direcionadas para a melhoria do enquadramento fiscal das empresas, com o fim do pagamento especial por conta ou o novo regime aplicável às patentes. Ainda, e até ao final de 2027, poderão ser concedidos benefícios fiscais, em regime contratual, para projetos de investimento produtivo em áreas que abrangem a indústria e a I&D. Um importante instrumento para apoiar o investimento das grandes empresas, uma vez que não poderá ser apoiado pelos quadros comunitários.

A indústria aponta os entraves ao desenvolvimento dos ensaios clínicos em Portugal como fatores que dificultam o crescimento. Como se podem ultrapassar?

Estou convicto de que o crescimento e o desenvolvimento do sector farmacêutico trarão capacidade para Portugal elaborar mais ensaios clínicos. São um elemento crucial para a inovação, a criação de medicamentos inovadores e para o progresso científico. Temos condições para, num período tão oportuno como este, efetuar uma reflexão profunda sobre os regulamentos existentes e em que medida poderão ser restritivos para a elaboração de mais ensaios, acautelando necessariamente o respeito pela segurança e privacidade dos pacientes.

O que falta à indústria farmacêutica portuguesa para ser mais competitiva internacionalmente?

O aumento da competitividade da indústria farmacêutica e o dinamismo do mercado português exige uma visão de futuro capaz de dar resposta aos desafios do presente e que crie, simultaneamente,

condições para o seu crescimento. A estratégia prosseguida pelo sector, ao longo dos anos, tem sido uma estratégia de sucesso: o nível de investimento em I&D aumentou significativamente ao longo da década, particularmente nos domínios de investigação aplicada, o número de ensaios clínicos autorizados aumentou 65%, desde 2011, e o volume de exportações mais do que duplicou.

Creio que o sector reúne as condições necessárias para ter um papel ainda mais importante no panorama internacional, num percurso onde será determinante a sua capacidade de mobilização para a realização de investimentos estruturantes e disruptivos, tirando o melhor proveito dos novos instrumentos comunitários, bem como para aprofundar das suas relações com os centros de conhecimento.

De que forma é que os fundos europeus podem ser um acelerador para o desenvolvimento da indústria farmacêutica portuguesa?

O reforço da resiliência da economia portuguesa, enquanto elemento estruturante do PRR, assume particular relevância enquanto resposta de primeira linha para a recuperação pós-pandémica, na preparação do sistema económico e social para enfrentar choques futuros, e para a criação de um tecido empresarial mais desenvolvido, competitivo e sustentável. Dentro desta dimensão, as medidas direcionadas e inovação empresarial poderão ter particular importância para a indústria farmacêutica, uma vez que têm como objetivo promover a capacitação, modernização e competitividade da estrutura produtiva, tornando-a mais apta a capitalizar novas oportunidades. Ainda, com os fundos disponíveis no novo quadro comunitário, continuar-se-á a apostar nas empresas com instrumentos que permitam uma especialização produtiva em atividades intensivas em conhecimento. É esta, portanto, uma grande oportunidade para estimular o desenvolvimento das indústrias da saúde, nomeadamente na valorização do conhecimento e na valorização comercial da I&D, bem como para aumentar a atratividade de Portugal enquanto destino para a realização de ensaios clínicos.

Temos de garantir condições que tornem Portugal e a Europa mais atrativos e competitivos

O presidente da Apifarma, João Almeida Lopes, considera que são necessárias condições para que haja uma maior aposta na inovação, para a indústria farmacêutica portuguesa ser mais competitiva. Incluindo os ensaios clínicos, que têm uma promessa de duplicação.

O presidente da Apifarma – Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica, João Almeida Lopes, considera que o sector demonstrou a sua capacidade durante a pandemia de Covid-19 e que foi feita uma aprendizagem que tem de ter consequências, no futuro. No novo enquadramento que se apresenta. Mas para enfrentar os desafios que agora se colocam, é necessário mudar, com uma maior aposta na inovação e na investigação e com o reforço da capacidade de atrair e reter talento, para tornar a indústria farmacêutica portuguesa mais competitiva.

Depois do impacto da pandemia de Covid-19, que lições a indústria farmacêutica retirou da resposta que foi dada?

A pandemia da Covid-19 evidenciou duas realidades essenciais. Primeiro, a capacidade de inovação e de resposta da indústria farmacêutica. Fruto de anos de trabalho e de investimento em investigação, conseguiu, em meses, colocar no mercado vacinas contra a Covid-19 que, até ao momento e só na Europa, salvaram 470 mil vidas de pessoas com 60 ou mais anos, segundo dados divulgados recentemente pela OMS [Organização Mundial da Saúde]. A outra realidade foi o confronto com o excesso de dependência externa da Europa, consequência da sua desindustrialização. Estas são lições que temos de aprender. O caminho a seguir para conseguirmos inverter esta situação, em que vários merca-

dos ganham competitividade em relação à Europa, passa pela aposta numa indústria europeia forte e robusta.

O papel da indústria farmacêutica na economia sai reforçado, deste período? Apesar de tudo, foi um impulsionador da recuperação económica?

A indústria farmacêutica demonstrou a sua capacidade durante a pandemia. Trabalhou ininterruptamente para garantir mais e melhor acesso a medicamentos. Em termos económicos, tem toda a capacidade para sair reforçada e ser um impulsionador da recuperação do país.

O objetivo de reindustrialização da Europa passa também por Portugal? Que

“**Portugal tem uma enorme vantagem competitiva: é reconhecido pelo seu sistema de investigação atrativo, onde o uso de tecnologias de informação está acima da média da União Europeia”**

oportunidades existem para as empresas portuguesas poderem explorar?

Portugal tem uma enorme vantagem competitiva: é reconhecido pelo seu sistema de investigação atrativo, onde o uso de tecnologias de informação está acima da média da União Europeia. No caso da indústria farmacêutica, está equipada com infraestruturas de ponta e com profissionais altamente qualificados. Em 2021, a indústria farmacêutica exportou cerca 1.500 milhões de euros, com um crescimento acima dos 35% desde 2018.

Contudo, temos de garantir condições que tornem Portugal e a Europa mais atrativos e competitivos. E isso passa por ter uma indústria forte que aposte na inovação e investigação, que tenha capacidade de atrair e reter talento, que responda às reais necessidades das comunidades e que esteja alinhada com a transição verde e com a transição digital.

Quais são os mais importantes obstáculos que a indústria portuguesa enfrenta para o seu desenvolvimento?

Promover a tutela económica da saúde, afirmar Portugal como um grande centro de excelência para a prática das ciências da vida. Nos ensaios clínicos, [temos de] duplicar o número de ensaios clínicos até ao final da legislatura; e é necessário alinhar o investimento público em saúde pela média da União Europeia e da OCDE [Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico].



A que se deve a limitação do número de ensaios clínicos em Portugal, face a outros mercados, e como pode ser ultrapassada?

Acelerar a sua aprovação é fundamental para captar mais ensaios clínicos para o nosso país, com benefícios claros para as pessoas com doença, que beneficiariam de um cada vez melhor acesso aos medicamentos mais inovadores, com ganhos significativos na sua saúde e bem-estar. Mas quero realçar que, na passada semana, no primeiro encontro de investigação clínica, tivemos uma resposta animadora do secretário de Estado Adjunto e da Saúde, [António Lacerda Sales], que assumiu a ambição de duplicar o número de ensaios clínicos realizados em Portugal até ao final desta legislatura.

O que será necessário fazer para recuperar o atraso no Serviço Nacional de Saúde, em consultas e intervenções, provocado pela prioridade dada à Covid-19 nos último dois anos?

Em primeiro lugar, é preciso cumprir o desígnio já anunciado pelo Governo de dar prioridade à saúde, resolvendo o problema crónico da suborçamentação da saúde e de assumir o objetivo de fazer um esforço extraordinário para que, até ao final de 2022, se recuperasse toda atividade suspensa ou adiada até este momento.

A suborçamentação na saúde é uma doença crónica em Portugal. Como avalia a atual proposta orçamental, para 2022? Dá sinais positivos para a resolução do problema?

É inegável que têm vindo a registar-se reforços orçamentais. No entanto, continuamos abaixo das médias de investimento per capita da União Europeia e da OCDE. A título de exemplo, em 2021, [foram disponibilizados] 1,1 mil milhões de euros [para uma] injeção extraordinária para pagamento de dívida. Estas injeções permitem financiar o défice de 2021 e fazem com que o valor indicado na proposta de orçamento do Estado para 2022 fique desatualizada, porque os cálculos são feitos com base no exercício orçamental para o ano que se segue, quando a realidade do exercício anterior já se sobrepôs.



Uma Nova Saúde

OPINIÃO



JOAQUIM CUNHA
Diretor Executivo
Health Cluster Portugal

Estamos, quero crer, no limiar de uma Nova Saúde, que corporizará uma evolução disruptiva face à realidade que hoje conhecemos, a qual, diga-se, constitui uma das maiores conquistas da humanidade, se não mesmo a maior.

Esta Nova Saúde está muito suportada na digitalização e no uso inteligente dos dados, de grandes quantidades de dados, o chamado big data, e verdadeiramente focada e centrada no paciente e no ci-

dadão. Está cada vez mais suportada na ciência e no conhecimento, mas ao mesmo tempo mais humana, mais próxima. Será menos, muito menos, hospitalocêntrica e mais em rede, privilegiando os cuidados domiciliários e distribuídos, mantendo nos hospitais só aqueles que realmente necessitam de lá estar.

Está desenhada para responder sobretudo à doença crónica em vez da oferta atual basicamente concebida para dar resposta a episódios agudos.

Na Nova Saúde, toda a gente, ou quase toda a gente, pode estar ligada e monitorizada remotamente, observando-se, como não poderá deixar de ser, todas as boas regras e precauções relativas à garantia da privacidade.

Está orientada à saúde e não à doença. Está focada na prevenção e na predição. E por isso, cada vez mais, o seu ecossistema se estende e alarga a áreas contíguas como a alimentação, o bem-estar, ou o desporto, ... trazendo novas respostas e soluções onde ganham peso as preocupa-

ções com os nossos estilos de vida. Mas, para acedermos a esta Nova (e fantástica) Saúde precisamos de acautelar algumas bases estruturais, onde eu selecionaria a necessidade de introduzir mais eficiência no Sistema e dar foco ao valor para o cidadão, para o paciente, ou melhor, para o cliente.

E isto porque vamos ter que ter o engenho de fazer muito mais com os mesmos, ou até com menos, recursos.

“Para acedermos a esta Nova (e fantástica) Saúde precisamos de acautelar algumas bases estruturais, onde eu selecionaria a necessidade de introduzir mais eficiência no Sistema e dar foco ao valor para o cidadão”

A oportunidade dos dispositivos médicos para Portugal e a Europa



O mercado dos dispositivos médicos encontra-se, atualmente, dotado de grande dinamismo. As estimativas apontam para a existência de mais de vinte e cinco mil empresas deste setor apenas na Europa – sendo que, destas, 80% são pequenas e médias empresas, que representam mais de meio milhão de trabalhadores. Na verdade, a Europa detém uma boa quota de mercado do setor, com perto de um terço do mercado mundial, o que leva à geração de perto de cem mil milhões de euros anuais.

Em especial, no que concerne aos dispositivos médicos, atenta a multiplicidade de realidades em que cada um se insere, os desafios da sua regulação acabam por ganhar particular relevância. Efetivamente, configura um complexo desafio para o legislador, por exemplo, a previsão que inclua quer uma solução para lentes de contacto, quer para equipamentos com laser, passando por software de apoio à prática médica. Isto sem descurar, como decorre evidente, os desafios que a evolução das técnicas de inteligência artificial tem trazido, nomeadamente com a assunção de um papel cada vez mais preponderante e autonomizado do (provavelmente qualificável como) dispositivo médico.

Neste contexto, surge como fundamental o novo quadro regulatório relativo aos Dispositivos Médicos. Apresentando-se com aplicabilidade direta, ao invés da técnica legislativa utilizada no regime anterior que assentava em Diretivas – em particular nas Diretivas 90/385/CEE do Conselho, de 20 de junho, Diretiva 93/42/CEE do Conselho, de 14 de junho – o Regulamento (UE) 2017/745 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 5 de abril, e o Regulamento (UE) 2017/746, de 5 de abril, vêm permitir alcançar uma maior harmonização do mercado europeu, flexibilizando relações e potenciando transações comerciais.

A nova legislação vem, desta forma, criar alterações fundamentais naquilo que será o desenho do setor dos dispositivos médicos na Europa. Destaca-se, desde logo, a criação de



Daniel Torres Gonçalves
Sócio | Responsável | Unidade Económica da Saúde, Farmácia e Biotecnologia

uma base de dados europeia sobre dispositivos médicos, denominada “EUDAMED”, que irá possibilitar obter uma visão mais abrangente dos dispositivos disponíveis em toda a União, assegurando o respeito pelos direitos dos pacientes e permitindo uma maior cooperação entre as autoridades dos diversos países. Aliadas e subjacentes a este pensamento, surgem, igualmente, as identificações únicas, quer do dispositivo médico (UDI-DI), quer da produção (UDI-PI). Será de notar que se encontra prevista a progressiva entrada em vigor destas identificações únicas, iniciando no ano corrente com os dispositivos de classe III e terminando em 2025, com os dispositivos de classe I. De outra ponta, os dispositivos de diagnóstico in vitro veem os prazos decorrerem entre os anos de 2023 e 2027.

Destarte, se é certo que o mercado europeu não se tem conseguido afirmar em alguns dos setores tecnológicos de vanguarda a nível mundial, essa oportunidade surge, em contraponto, com os dispositivos médicos. Neste sentido, dir-se-á com alguma segurança que o nível de implantação desta atividade no mercado europeu é já forte, prevendo-se



Joana Aguiar Rodrigues
Associada | Unidade Económica da Saúde, Farmácia e Biotecnologia

o seu tendencial crescimento. Além disso, a União Europeia oferece garantias de qualidade e segurança, tanto ao nível da tecnologia, como ao nível do tratamento de dados. Com efeito, o Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (RGPD) veio trazer a Europa para a vanguarda regulatória ao nível da privacidade, desejando-se que o Regulamento relativo aos Dispositivos Médicos siga o mesmo caminho com a tecnologia de saúde.

Deste ponto de vista, às empresas nacionais caberá a devida e atempada preparação, tendo em consideração a evolução que se antecipa. Reputa-se como sendo vital o conhecimento das tendências do mercado, bem como a apresentação de uma capacidade de rápida adaptação (como demonstrou a pandemia), apostando-se na qualidade e segurança da tecnologia e dos serviços prestados. Sem prejuízo, tudo isto apenas se tornará possível com a confiança de que se cumprem as regras e de que as opções tomadas, nomeadamente ao nível comercial e contratual, têm em vista a evolução expectável do setor.

www.pra.pt

Contactos: Sede | Lisboa: Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 82, 1.º Dt.º 1250-193 Lisboa | **Telefone:** (+351) 213 714 940 | **Email:** lisboa@pra.pt
Porto: Rua Nossa Senhora de Fátima, 177, piso 7 4050-427 Porto | **Telefone:** (+351) 223 715 485 | **Email:** porto@pra.pt
Faro: Avenida 5 de Outubro, n.º33 8000-077 Faro | **Telefone:** (+351) 289 100 233 | **Email:** faro@pra.pt
Ponta Delgada: Rua Conselheiro Doutor Luís Bettencourt de Medeiros e Câmara n.º 6, 9500-058 Ponta Delgada | **Telefone:** (+351) 296 098 702 | **Email:** pontadelgada@pra.pt
Leiria: Av.ª 22 de Maio - Edf. Praça Nova n.º 24, 1-K 2415-396 Leiria | **Telefone:** (+351) 244 095 615 | **Email:** leiria@pra.pt
Évora: Rua de Viana, n.º11-A 7005-206, Évora | **Telefone:** (+351) 266 096 600 | **Email:** evora@pra.pt

Forças e fraquezas para aproveitar oportunidades

A indústria farmacêutica portuguesa tem pontos fortes que podem ser explorados para o desenvolvimento do sector, aproveitando a dinâmica instalada, mas é necessário atenuar fraquezas, para ter sucesso.

Atividade económica da indústria farmacêutica portuguesa tem evoluído muito favoravelmente, nos últimos anos, e a resposta dada aos desafios colocados pela pandemia de Covid-19 foi muito positiva, na opinião da generalidade dos agentes. No entanto, o quadro concorrencial que agora se apresenta, em resultado das avaliações feitas durante a crise e dos objetivos políticos definidos para o futuro – com destaque para a reindustrialização da União Europeia e o encurtamento de cadeias de abastecimento para produtos críticos –, faz com que estejamos, verdadeiramente, no início de um novo processo, com desafios renovados, em que é essencial avaliar as forças, fraquezas, oportunidades e ameaças que se apresentam. É essa a análise que faz a EY-Parthenon, que acompanha de perto o sector da indústria farmacêutica portuguesa, tendo por base o trabalho que a própria consultora desenvolve, mas também os estudos da Organização e Financiamento da Saúde em Portugal, o Plano de Desenvolvimento da Saúde e Radar de Oportunidade da Apifarma – Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica.

Como forças, regista-se que a indústria farmacêutica se diferencia pelo seu alto teor de inovação e intensidade tecnológica, apresentando uma dinâmica de investimento superior à média das indústrias. Aliás, segundo dados relativos a 2020, a indústria farmacêutica portuguesa investiu mais de 90 milhões de euros em investigação e desenvolvimento (I&D), um valor que quase duplica o do sector que surge na segunda posição da lista. Também é o que mais emprego qualificado absorve na indústria transformadora, re-

presentando mais de um terço (37%) dos trabalhadores do sector.

Este perfil de uma elevada dotação de recursos produtivos avançados e recursos humanos qualificados faz com que seja uma indústria de alto valor acrescentado, “com níveis de produtividade-valor elevados”, com um rácio input/output de 2,1 vezes (uma medida de eficiência), superior à média de todos os sectores em Portugal.

A suportar esta ideia, a existência de escolas e infraestruturas de referência a nível internacional na área da medicina e da farmacêutica, que permitem a capitalização das fortes valências e competências em termos de conhecimento científico produzido pelas instituições nacionais. Acresce a existência de um cluster em consolidação (liderado pelo Health Cluster Portugal) que promove uma ligação sinérgica entre os diversos subsectores da saúde, potenciando a fertilização e relações cruzadas de conhecimento e boas práticas. Ainda se identifica, como vantagem, a existência de modelos de cooperação de referência, como o iBET, visto como “fortemente capacitado” para o desenvolvimento de soluções no domínio da biotecnologia e que inclui no seu portfolio de clientes grandes players da indústria farmacêutica mundial.

Em conjunto, esta é uma base para que Portugal se estabeleça como “uma referência se apostar efetivamente na promoção e desenvolvimento da investigação clínica”, aponta a EY-Parthenon.

Trata-se de uma força virada para o futuro, que, atualmente, do lado das fraquezas assinala-se a baixa produtividade, porque o sector padece de uma baixa ca-

pacidade de exploração económica dos resultados alcançados em projetos de I&D académicos, refletida num número reduzido de startups e spin-offs na área farmacêutica. Ou seja, a investigação que é feita não se concretiza em produtos



comercializáveis. A cadeia produtiva da indústria farmacêutica está ainda muito dependente de terceiros, quer ao nível de matérias-primas como de produtos finais e etapas iniciais do processo produtivo.

INVESTIMENTO ELEVADO, MAS AINDA POUCO EM I&D

Quando olhamos para as oportunidades, nota-se que os recentes avanços e inovações no domínio de tecnologias inovadoras, nomeadamente ao nível da biotecnologia, estimulam as competências da indústria farmacêutica, portuguesa, mas é necessário investir e mudar.

Verifica-se um crescimento do pipeline de I&D, com o lançamento de novos produtos nos próximos anos, está identificado um conjunto de tecnologias

inovadoras, que podem gerar vantagens competitivas, existe margem de aprofundamento do grau de especialização da indústria no tratamento de doenças relacionadas com o envelhecimento da população e de doenças crónicas e, ainda, o desenvolvimento da biofarmacêutica e da genética pode ser um incentivo ao desenvolvimento da indústria local.

Mas, depois, o rácio de produtos tecnológicos da indústria portuguesa é considerado pouco relevante, no contexto europeu, e, praticamente, não é notada presença na indústria biotecnológica.

O caso dos ensaios clínicos, cujas limitações ao seu desenvolvimento são uma queixa constante dos agentes, são um exemplo dos entraves identificados, com a EY-Parthenon a notar que a falta

de reconhecimento da importância dos ensaios clínicos, que acentuam a dependência de terceiros e fazem, depois, com que os efeitos dos desenvolvimentos tecnológicos decorrentes destes processos não sejam sentidos de forma significativa em Portugal.

Entre as fraquezas, a par da complexidade legislativa, fiscal e regulatória associadas à burocracia e morosidade de processos, que são constantemente apontadas, são também identificadas barreiras à introdução de medicamentos inovadores.

Portugal tem uma taxa de investimento superior à maioria dos principais produtores farmacêuticos, com um rácio face ao valor acrescentado bruto de 37%, que só é superado, na Europa, pelo Reino Unido. Ainda assim, apesar do tal investimento em I&D que é superior ao da generalidade da restante indústria transformadora, o facto é que se trata de um nível relativamente baixo, quando o comparamos com as referências europeias. O peso do investimento da indústria farmacêutica em I&D em Portugal no total deste tipo de despesas é de 5,8%, quando na Suíça, que lidera a lista, é de 33,4%, ou em Espanha é de 9%. Em termos absolutos, a diferença é significativa, pela dimensão dos mercados, porque comparamos com a Alemanha, o maior mercado europeu, em que o investimento é de 5,4 mil milhões de euros, ou mesmo de Espanha, que multiplica por quase nove o investimento em Portugal.

O baixo compromisso estratégico dos reguladores em relação a apostas inovadoras com origem na indústria farmacêutica com presença em Portugal desincentiva o investimento em I&D e inovação, refere a consultora.

Entre as ameaças identificadas, destaca-se que existe uma grande pressão sobre os preços dos medicamentos e ciclo de inovação, tal como uma migração gradual de atividades de I&D para países emergentes na Ásia. Ou seja, Portugal e as empresas portuguesas não sozinhas a disputar mercado, investimento e talento, e, mesmo com o enquadramento dado pelos objetivos da União Europeia, a concorrência é crescente e é necessário garantir competitividade.



“A inovação deveria ser uma prioridade dos gestores do SNS”

Pedro Pita Barros, professor de Economia da Nova SBE, diz que a inovação ainda não é uma prioridade para a saúde, mas que tem de o ser. E é preciso passar da investigação para a linha de produção.

Pedro Pita Barros, professor de Economia da Saúde da Nova School of Business of Economics e um dos autores do livro “Inovação em Saúde por quem a pratica” considera que persistem grandes assimetrias na inovação em saúde em Portugal. Em entrevista, defende que as “entidades de saúde têm de ter a capacidade de olhar para a inovação e integrá-la no seu pensamento habitual”. Incluindo o Estado.

Que oportunidades de inovação estão por explorar em Portugal e que identificaram neste livro?

O objetivo do livro foi tentar perceber se as entidades portuguesas – empresas e universidades – estão preparadas para aproveitarem as oportunidades de inovação na área da saúde e não tanto descobrir o produto ou serviço em que Portugal pode inovar. Hoje em dia, temos muita tendência para procurar métricas e estatísticas. No caso da inovação, é difícil quantificá-la com uma métrica exata. Por isso, a nossa preocupação foi perceber se existe uma forma sistemática de inovar em saúde em Portugal. Fomos, então, procurar respostas junto das organizações, no sentido de percebermos o que estão a fazer para que a inovação surja. Encontrámos aspetos facilitadores de inovação e outros onde há margem para melhorias.

Que lacunas identificaram no processo de inovação?

A ideia do conceito de inovação e do que se deve procurar quando a intenção é fazer inovação é algo que todas as empresas que analisámos têm, ou seja, não encontramos nenhuma [organização] a chamar inovação a algo que não fosse inovador. Mas depois há uma grande diferença entre criar oportunidades de inovação ou aproveitar uma oportunidade que aparece no caminho. E vimos que umas entidades estão mais ativas na procura e outras são melhores a aproveitar as oportunidades.

Um aspeto interessante é que nem todas as organizações estão preparadas para aproveitarem as oportunidades de inovação. É algo que pode ser melhorado.

O que foi algo surpreendente foi perceber que apenas uma pequena parte das entidades está preocupada com as probabilidades de sucesso quando começam um processo de inovação e com o retorno que esse processo pode gerar. Muitas vezes, a inovação começa sem que haja uma preocupação com a probabilidade real de gerar um produto ou serviço que tenha capacidade de gerar retorno suficiente para pagar o investimento feito.

Outro desafio é a passagem da dimensão nacional para uma dimensão internacional. Isto porque é difícil que uma determinada inovação seja rentável e sustentável só com aplicação no mercado português. O que vimos foi que as empresas que tiveram mais sucesso na internacionalização acabaram por fazer parte da cadeia





de valor de outros produtos. Não temos a preocupação de internacionalizarmos a inovação. A verdade é que Portugal nunca terá dimensão suficiente para ter uma grande empresa na área da saúde a fazer inovação de uma forma sustentada.

Outra lacuna que poderíamos suprir tem a ver criação de inovação pela observação do que concorrentes e parceiros fazem. É preciso treinar os colaboradores da empresa para pensarem o que pode propiciar a inovação, até a partir de uma necessidade de um cliente.

Como classificaria o nível de inovação que temos em Portugal na área da saúde?

Daria um nível três, [numa escala] de zero a cinco. Temos grandes assimetrias, com empresas e organismos públicos muito virados para a inovação, mas depois temos pequenas e médias empresas que podiam ter maior capacidade de perceber as necessidades e que não têm ideias inovadoras. Neste trabalho quisemos sair do perímetro da indústria farmacêutica, onde existem muitas entidades portuguesas a terem sucesso, para pensar noutras inovações noutras áreas. Por exemplo, há uns anos, vi em Inglaterra mobiliário urbano adaptado para pessoas com dificuldades de locomoção – uma inovação com impacto na saúde e que não veio diretamente da área da saúde. A inovação em saúde não é só o grande medicamento, mas tudo o que envolve as pessoas e que as pode ajudar a viver melhor.

Dentro da saúde, existe, na sua opinião, alguma área com maior potencial de inovação que não esteja a ser aproveitada?

Poderíamos aproveitar melhor o nosso potencial na área das life sciences. Devemos ser capazes de ligar a biologia à tecnologia e à imagem. Nestas áreas, temos centros universitários e empresas com grande capacidade, mas falta interligação entre eles, nomeadamente no que diz respeito ao que cada uma destas entidades sabe e faz e as necessidades dos prestadores dos cuidados de saúde. Se o fizermos, conseguimos ter mais inovação.

O que falha é a ligação da academia ao terreno?

Exatamente. Temos de, a partir das necessidades do sistema de saúde, passarmos para a parte económica e produtiva. Para impulsionarmos essa ligação, temos de criar os mecanismos para juntar três vertentes: entidades de saúde, universidades e pequenas e média empresas que já tenham ligação à área da saúde. Umhas têm o conhecimento de como fazer, outras o conhecimento teórico sobre os mecanismos que podem usar para inovarem, outros têm a necessidade. De forma sistemática, tanto quanto sei, não são desenvolvidos projetos desta forma na área da saúde.

Considera que a inovação deveria ser mais apoiada em Portugal por fundos públicos?

O importante é haver um acompanhamento às empresas, para pensar desde logo na internacionalização. Parte do ónus tem de ficar do lado das empresas e outras entidades, que têm de aproveitar as oportunidades de inovação. Os mecanismos de apoio públicos estão lá, o que falta é aproveitar esses mecanismos. A parte privada, as entidades de saúde, têm de ter a capacidade de olhar para a inovação e fazê-la parte do seu pensamento habitual, no sentido de criar valor e que possa gerar retorno. E não pensar na lógica do “o que posso tirar ao SNS para poder sobreviver”. O SNS não tem de ser promotor da atividade económica em saúde, nem tem de fomentar a sustentabilidade económica das empresas. O SNS tem de se preocupar com os seus objetivos - grosso modo, melhor a saúde da população. O que o SNS pode fazer é ajudar a identificar oportunidades de inovação, estando na linha da frente das ideias. E temos capacidade de o fazer.

Neste momento, considera que a inovação não é uma prioridade para os gestores do Serviço Nacional de Saúde (SNS)?

Neste momento, não é. Mas deveria ser, na medida em que a inovação permite dar melhores cuidados de saúde à população.

“Faz sentido, nesta fase, uma subida de preços dos medicamentos”

Os custos de fabrico dos fármacos já aumentaram mais de 40%, por causa das dificuldades provocadas pela pandemia de Covid-19 e pela guerra na Ucrânia, e o diretor-geral da Jaba Recordati admite um agravamento das falhas de stock nos próximos meses.

De que forma a guerra na Ucrânia está a afetar a indústria farmacêutica e, em particular a Jaba Recordati?

Um dos impactos imediatos tem a ver com o custo dos combustíveis, que, se no ano passado já estava alto, agora está muito alto. A indústria farmacêutica importa a maior parte das matérias-primas e de produto acabado e este aumento do preço dos combustíveis tem impacto a dois níveis: no custo do transporte, que já subiu, e na obtenção de algumas matérias-primas – como o alumínio, que utilizamos para embalar os medicamentos. Os custos de fabrico dos medicamentos já aumentaram mais de 40% e os preços finais continuam a baixar. Ainda em fevereiro assistimos a uma revisão em baixa do preço dos fármacos.

Faz sentido, nesta fase, uma subida de preços dos medicamentos?

Faz, porque senão o que vai acontecer é que os medicamen-

tos mais baratos, que custam seis, oito euros, vão sair do mercado, porque as margens são diminutas ou mesmo negativas. E aí podem acontecer duas coisas: ou o doente não se trata ou então encontra outra alternativa, mais cara, o que não beneficia nem o doente nem o sistema. O mecanismo de revisão de preços é legal, mas não faz sentido que não seja atual. Por outro lado, se falarmos em medicamentos de 40 ou 50 euros, a indústria farmacêutica tem capacidade de absorver o impacto.

A falta de medicamentos que se regista terá tendência a agravar-se nos próximos meses?

Vai agravar-se inevitavelmente. Para ter uma ideia do aumento dos custos, nós enviamos alguns medicamentos para Angola. Um contentor que antes custava três ou quatro mil euros agora custa 18 mil. Também o custo do transporte de matérias-primas para Portugal, vindas da China por exemplo, triplicou



– ainda efeito da pandemia.

Que medidas defendem que devem ser implementadas nesta fase de aumento dos custos e perturbações no abastecimento de alguns medicamentos?

Há um mecanismo, ao nível do Infarmed, que permite uma revisão excecional de preços, durante dois anos. Nós temos alguns pedidos pendentes de aumento de preços. O problema é que a resposta – quando existe, porque, na maior parte das vezes, nem sequer há resposta – demora nove a doze meses.

Portanto, temos de rever a norma. Por outro lado, o que acontece é que o preço dos nossos medicamentos é calculado com base em quatro países de referência [Bélgica, Alemanha, França e Reino

Unido] no mercado de ambulatório. Se o preço médio de um determinado medicamento for superior, não podemos subir o preço. Mas nós sabemos que as economias de escala geram preços mais baratos. Portugal compra em pequena quantidade e, por isso, nunca conseguiremos fazer o mesmo preço. Tem de haver um entendimento entre o Governo e Apifarma para permitir que haja uma revisão em alta do preço dos medicamentos mais baratos. Ou então vão desaparecer. A riqueza que a indústria farmacêutica produz é cada vez mais pequena.

Quais os maiores desafios que identifica na área da saúde em Portugal?

O primeiro é o acesso ao mercado. Temos de encontrar uma regra objetiva, que im-

ENTREVISTA

o doente no centro do sistema. Temos uma oportunidade – a transição digital – que é também um risco.

O terceiro é a reindustrialização da Europa. Não podemos estar dependentes de mercados, como o indiano ou o chinês, para algumas matérias-primas e fornecimentos. Estes países têm riscos políticos e económicos grandes.

Neste momento, onde estão concentradas as maiores unidades de produção de medicamentos a nível mundial?

Algumas estão na Europa Central. Muitas deslocalizaram-se para o sudeste asiático, onde o custo da mão de obra é barato. Contudo, penso que agora já todos percebemos que temos de manter na Europa os ativos, o know-how e a capacidade produtiva. O grande desafio para Portugal era a atração da produção de medicamentos com valor acrescentado, como biológicos, produtos oncológicos. A produção leva à investigação e ao investimento. Deveríamos criar uma economia do medicamento.

Como se atraem essas empresas e fábricas para Portugal?

Temos de demonstrar que temos bons recursos humanos, talento e capacidade para apoiar as empresas. Temos também de ter uma justiça célere, com tribunais comerciais que funcionem e que defendam as patentes de forma eficaz. Depois, temos de ter uma política fiscal atrativa para investimento e reinvestimento dos lucros – não deveríamos tributar todos os lucros, mas sim os lucros não aplicados nas empresas.



Lições da Pandemia

Nos últimos dois anos, os sistemas de saúde enfrentaram um enorme desafio. A pandemia colocou à prova, profissionais de saúde que, na primeira linha, com grandes dificuldades e capacidade de superação, sem esquecer os que infelizmente não resistiram, deram uma resposta à altura.

Para tal, a contribuição da indústria farmacêutica foi fundamental. Em cooperação com os Estados e outros parceiros, criou condições para conter a disseminação do vírus, disponibilizando fármacos necessários à imunização massiva da população. Sejam objetivos: a razão pela qual a pandemia começa a ser uma recordação do passado deve-se, em grande medida, à contribuição da indústria farmacêutica que, ao conceber e lançar as vacinas num tempo recorde, permitiu controlar e reduzir o impacto do vírus.

Num tempo que já pede balanços, uma lição a retirar dos últimos dois anos é a de que quem salva vidas são os profissionais de saúde e as tecnologias e soluções desenvolvidas pela indústria farmacêutica, inovadoras, necessariamente, pois, para além de patologias para que não há ainda uma solução terapêutica, há e haverá sempre novas doenças. Ao Estado, sobretudo em países com grandes desigualdades sociais, cabe criar condições objetivas para que a inovação exista e financie-la (é também para isto que serve a redistribuição da riqueza) até que se torne mais acessível. E nesta missão é fundamental ter

critérios de exigência e eficiência para que o sistema de saúde – onde entra o SNS e todos os que lhe possam acrescentar valor – consiga dar a melhor resposta. Não devemos continuar a confundir escolha política com ideologia – as opções fundamentais das autoridades públicas são por natureza escolhas políticas, mas o seu critério orientador, numa área como a saúde, tem de ser sempre o da eficiência. É aliás assim que deve ser lida a Constituição quando refere o direito à saúde – e nunca o da ideologia. A indústria farmacêutica tem sido um parceiro sólido, fiável e leal do nosso sistema de saúde e sem ela várias conquistas – estas, sim, civilizacionais porque ajudam a domar a natureza – que hoje tratamos como dados adquiridos, a começar pela esperança média de vida, não existiriam.



Eduardo Nogueira Pinto
Sócio coordenador da área de Saúde, Ciências da Vida e Farmacêutico



Ricardo Rocha
Advogado da área de Saúde, Ciências da Vida e Farmacêutico

www.plmj.com/pt/

FÓRUM FARMACÊUTICAS

Os desafios da inovação e da atração de talento e de investimento

A indústria farmacêutica portuguesa tem crescido e consolidado a sua posição, mas continua a ter de encontrar respostas para ultrapassar desafios que são determinantes para o futuro do sector, nomeadamente os da inovação e da atração de talento e de investimento. É a partir daqui que se constroem soluções para se aproveitarem as oportunidades que se colocam.

No fórum que reúne agentes económicos relevantes da indústria farmacêutica, fazemos duas perguntas:

- 1) Que estratégias desenvolvem no sentido de responder ao desafio da inovação?
- 2) Como se enfrenta o desafio da atração/retenção de talento/investimento num mundo globalizado?







Filipa Mota e Costa
Diretora-geral
da Janssen Portugal

A inovação faz parte do ADN da Janssen, desde o investimento que fazemos em Investigação & Desenvolvimento (I&D), até à forma astuta como resolvemos os nossos desafios e os transformamos em oportunidades.

O nosso ecossistema de inovação tem permitido celebrar as parcerias certas para chegarmos mais longe, encontrando novas soluções para darmos mais vida aos doentes e anteciparmo-nos à doença, apostando na sua prevenção.

Defendemos que as novas soluções terapêuticas, para as necessidades médicas ainda não preenchidas, devem ser desenvolvidas através de parcerias entre a indústria, a academia, as entidades governamentais, profissionais de saúde e doentes. Conseguiremos alcançar este objetivo continuando a inovar e a trabalhar, lado a lado, com as stakeholders da área da saúde e estimulando o talento das nossas pessoas.

Seremos tão bem-sucedidos nesta missão quanta for a nossa capacidade de mobilizar talentos. Estamos convictos de que o sucesso da nossa companhia, além do forte investimento em I&D, tem passado pela elevada qualificação dos nossos profissionais, que, de forma inovadora, têm encontrado caminhos diferenciadores para chegarmos mais longe.

A nossa cultura empresarial, que está espelhada no “Nosso Credo”, potencia o desenvolvimento de talento, conferindo responsabilidade a cada um para que se desafie todos os dias e para que possa fazer o seu melhor. Quem se junta à Janssen entende que tem a oportunidade de se juntar à companhia farmacêutica do grupo Johnson & Johnson, o maior grupo de cuidados de saúde do

mundo, com um ambiente de trabalho flexível e muito orientado para os objetivos, mas também para a saúde e bem-estar dos colaboradores.

Estamos convictos que a nossa diversidade e cultura são uma mais-valia na implementação de conceitos, comportamentos relacionais adequados em ambiente profissional e no desenvolvimento de competências que nos permitam continuar a inovar.



Vítor Papão
General Manager
da Gilead Sciences Portugal

Desde 2019, a Gilead tem na sua estratégia corporativa três grandes ambições: desenvolver dez terapias transformado-



ras nos próximos dez anos, tornar-se a empresa e o parceiro de eleição e proporcionar valor aos parceiros, sociedade e acionistas de uma forma responsável e sustentável.

Para disponibilizar aos doentes medicamentos verdadeiramente transformadores, a Gilead está a trabalhar a partir das suas principais áreas de especialização. Isso inclui, por exemplo, a aplicação de décadas de experiência em investigação antiviral no desenvolvimento da próxima geração de terapêuticas para o VIH, através de mecanismos inovadores e de ação

prolongada; a utilização mais alargada da nossa mais recente experiência em imunomodulação, assim como a amplificação do uso das terapêuticas personalizadas, através da utilização do sistema imunitário dos próprios doentes no combate a doenças complexas como o cancro, tal como já fazemos em terapia celular, com um crescente pipeline na área da imunoterapia contra o cancro. Começámos com tumores hematológicos, há alguns anos, e estamos agora a trabalhar em terapêuticas para tumores sólidos, como o cancro da mama.

Queremos manter o foco na inovação que investigamos “dentro de casa”, à medida que aumentamos a nossa diversificada rede de parceiros para acedermos à melhor ciência e tecnologia do mundo. As nossas pessoas vêm para a Gilead à procura de servir um propósito maior. O seu talento e diversidade de pensamento moldam a forma como nós prevenimos, tratamos e até curamos doenças potencialmente fatais. Inspirados pela visão de tornar o mundo um lugar mais saudável, as nossas pessoas e a sua dedicação continuam a fazer avançar o nosso trabalho em direção a este objetivo.

Tal como as formas de trabalho evoluem, o nosso compromisso com os nossos colaboradores e a nossa ambição de ser um empregador de eleição requer agilidade e adaptação constantes. Embora tenhamos observado muitas mudanças na forma como operamos, continuamos guiados pelos nossos valores fundamentais – integridade, inclusão, trabalho de equipa, excelência e responsabilidade.

Os nossos compromissos de liderança enfatizam que a forma como fazemos o nosso trabalho é tão importante como o próprio trabalho.



Guilherme Monteiro Ferreira

Diretor de Assuntos Externos e Acesso ao Mercado da GSK Portugal

Inovação é uma das nossas prioridades, a par de performance e confiança. A nossa estratégia centra-se no conhecimento e pesquisa em torno do sistema imunitário, no uso da genética humana e no recurso a tecnologias avançadas, sendo impulsionada pelo efeito multiplicador ciência x tecnologia x cultura. Isso permite acelerar o ritmo de desenvolvimento de medicamentos e vacinas potencialmente transformadores, priorizando as moléculas com maior probabilidade de sucesso.

O recurso a esta equação é crítico para a nossa abordagem de I&D [investigação e desenvolvimento], enquanto elemento central da nossa prioridade inovação. Assim, estamos a desenvolver as nossas capacidades e competências em inteligência artificial, Machine Learning, Genómica Funcional e Terapia Celular, para acelerar a identificação e desenvolvimento de novos alvos (medicamentos e vacinas).

Em 2021, investimos 5,3 mil milhões de libras [cerca de 6,2 mil milhões de euros] em I&D e temos uma equipa de 12 mil investigadores e cientistas, em todo o mundo, empenhados em desenvolver novas abordagens terapêuticas para necessidades médicas não satisfeitas. Isso traduz-se em 43 novos medicamentos e 21 novas vacinas em desenvolvimento (FY2021), que acreditamos vão fazer a diferença na vida de muitas pessoas. Ao unir a ciência, talento e tecnologia, acreditamos que vamos conseguir impactar positivamente a vida de mais de 2,5 mil milhões de pessoas em todo o mundo e, juntos, vencer as doenças.

Naturalmente que, nesta matéria, tenho de demonstrar o compromisso e o trabalho da GSK com a pesquisa científica



em Portugal: temos mais de 15 ensaios clínicos em curso, nas áreas respiratória, oncologia e vacinas, no que representa um investimento anual próximo de um milhão de euros. Um dos nossos principais objetivos é continuar a aumentar este número.

O desafio da atração/retenção de talento/investimento num mundo globalizado é um dos principais desafios que as organizações enfrentam hoje e cuja resposta não é simples. Em primeiro lugar, é fundamental que o propósito da organização seja relevante e transmita a visão e a ambição que a instituição quer ter no presente e futuro.

Paralelamente, há que investir na formação e desenvolvimento dos profissionais. A GSK Portugal, enquanto parte de uma organização global, investe e fomenta o desenvolvimento das competências das suas pessoas, para que consigam responder aos desafios presentes e futuros, seja ao serviço da GSK em Portugal ou a nível internacional.

Por fim, destacar que somos, atualmente, uma das dez melhores empresas para trabalhar em Portugal, segundo o Great Place to Work, ocupando o oitavo lugar na dimensão entre 100 a 500 colaboradores (edição de 2022). A somar a isso, posso partilhar que 97% dos nossos colaboradores têm orgulho em trabalhar na GSK.

São indicadores que nos deixam orgulhosos e que demonstram estarmos no caminho certo, mas sabemos que o nível de exigência e as expectativas são elevadas e que nada está garantido, motivos pelos quais continuamos a fazer mais e melhor, todos os dias.



António Leão
Diretor-Geral
da Lilly Portugal

A Lilly, desde a sua fundação, que se assumiu como uma companhia pioneira e inovadora, combinando sempre o respeito pela vida com a investigação para disponibilizar medicamentos inovadores que melhorem o bem-estar e a saúde das pessoas. Desafiar os limites da ciência para que as doenças que hoje são incuráveis possam ser tratáveis amanhã está no nosso ADN. Procuramos, incansavelmente, avanços científicos nos nossos próprios laboratórios, mas reconhecemos, cada vez mais, a importância da colaboração e do acesso à inovação externa para o sucesso da I&D [investigação e desenvolvimento].

Consideramos ainda que, para se responder ao desafio da inovação, é necessária uma maior colaboração entre todos os intervenientes do sector, bem como a adoção de métodos de gestão modernos e eficazes, sobretudo no que diz respeito à regulação e acesso ao medicamento. Em Portugal, começamos já a visualizar uma cada vez maior disponibilização desta inovação, sendo, porém, necessário tornar o acesso mais célere e ágil.

Acresce, ainda, a necessidade de proteção desta inovação, bem como a implementação de programas e estruturas que permitam estimular o setor, nomeadamente, através da captação e atração de investimentos, mais precisamente na área da investigação clínica, sempre com o foco na inovação, e protegendo, através de regulação adequada, quem verdadeiramente está apostado em criar soluções com valor.

Na Lilly fazemos da integridade, excelência e respeito pelas pessoas os nossos princípios orientadores. É com base nesses que temos construído o nosso percurso ao longo dos últimos 140 anos e



fomentado as relações de confiança com os doentes, profissionais de saúde, parceiros, as comunidades onde nos inserimos e, principalmente, com os nossos colaboradores.

Estes princípios nunca foram tão importantes como agora. A existência de equipas globais é uma realidade anterior à pandemia da Covid-19, mas foi muito impulsionada por esta, a competitividade aumentou especialmente nas funções que podem ser realizadas remotamente.

O ambiente e a cultura da empresa são cada vez mais preponderantes. Reflexo disso são a aposta em políticas de diversidade & inclusão (D&I). Para a Lilly, D&I estão profundamente relacionadas com a procura da excelência. Para disponibilizar os melhores medicamentos, precisamos de trabalhar com os melhores e não importa as suas origens, preferências, cultura ou religião. Sempre procurámos construir um ambiente inclusivo onde todos se sintam bem. Acreditamos



que assim construímos uma cultura dinâmica que garante um terreno fértil para a inovação científica e para a criação de ligações mais fortes, permitindo-os atrair e reter talentos.



Maria João Deus Lourenço
Head of Human Resources
da Bayer Portugal

A inovação está no ADN da Bayer desde a fundação da empresa. A nível internacional, promovemos, no mês passado, o primeiro Breakthrough Innovation Forum, um evento focado nas oportunidades a longo prazo para a saúde e agricultura, alavancando tecnologias

emergentes. Em conjunto com o evento, a Bayer anunciou que está a acelerar o seu investimento na unidade Leaps by Bayer, com mais de 1.3 mil milhões de euros de financiamento até ao final de 2024.

Merece também especial destaque a iniciativa STEM4Health, que nasceu em 2016 e tem como objetivo conectar startups, empresas, faculdades, institutos, organizações, estudantes ou qualquer outra pessoa interessada em tecnologias e Life Science. Desde a sua criação, o STEM4Health, apoiado pelo programa de aceleração de startups da Bayer, foi-se desenvolvendo em várias áreas, estando presente em cerca de 20 cidades em todo o mundo, sendo Lisboa uma ativa contribuidora.

A atração e o desenvolvimento de talento é, sem dúvida, um dos maiores desafios das organizações.

Uma das estratégias da Bayer Portugal está centrada na captação de jovens ta-

lentos que terminaram o percurso universitário, através do nosso programa de estágios remunerados, o #takeoff@Bayer. Com este programa oferecemos a oportunidade aos jovens de experienciarem um contexto empresarial, aplicando as suas competências técnicas aos mesmo tempo que desenvolvem os seus soft skills. E sempre que possível, findo o programa de estágio, convidamos alguns destes jovens a ficarem na Bayer.

Oferecemos aos nossos colaboradores condições de trabalho competitivas em termos financeiros e de benefícios sociais e, naturalmente, são múltiplas as oportunidades de desenvolvimento individual.

Portugal é um país pequeno, mas nem por isso menos propício a carreiras internacionais. Na Bayer o talento é mesmo universal! São vários os exemplos de colaboradores que começaram na Bayer Portugal e estão, hoje, em lugares de management por esse mundo fora. O Covid abriu também a oportunidade para funções regionais ou globais feitas a partir de Portugal e, aqui, são também inúmeros os casos de colegas que fazem parte de equipas multidisciplinares, regionais ou globais. Estes assignments têm periodicidades distintas que podem ir de seis meses a três anos.

Investimos muitíssimo na formação de todos e cada um de nós, mas, acima de tudo, buscamos quotidianamente ser consistentes com os valores da empresa, numa cultura de feedback, genuína confiança entre pares e managers, onde a diversidade de talento é bem-vinda e estimulada.



Alberto Bueno
Diretor Geral
da Salvat

1. Para os Laboratórios Salvat, a inovação é uma prioridade e, por esse motivo, uma elevada percentagem da faturação é investida em I&D [investigação e desenvolvimento]. É um orgulho podermos afirmar que os Laboratórios Salvat dispõem de três plataformas tecnológicas patenteadas, como é o caso da tecnologia pioneira “IMPACT – SVT” que permitirá, pela primeira vez, utilizar clobetasol em forma de nanoemulsão em oftalmologia; a tecnologia de administração de fármacos “Nasal Polímeros inteligentes”, que permite soluções para o uso de sistemas de administração nasal; assim como a “Oral Multipartículas Drug Delivery Systems”, uma plataforma capaz de proporcionar ferramentas para obter perfis de libertação “à la carte”. Isto permite-nos sermos inovadores no desenvolvimento de produtos próprios, e, ao mesmo tempo, disponibilizar a nossa tecnologia a parceiros, gerando valor acrescentado para a saúde, para a economia e para a sociedade em geral.

2. Uma empresa, independentemente do sector, tem de ser competitiva para conseguir atrair e reter talento, dispor de um portfolio de produtos interessante, com possibilidade de desenvolvê-los, ter um pipeline futuro e uma visão clara sobre o negócio a curto e, idealmente, a médio prazo. Estes aspetos são muito valorizados por quem integra as organizações, sobretudo pelas novas gerações, altamente qualificadas e dinâmicas, a par dos benefícios sociais, como a flexibilidade de horários, aliada à opção de teletrabalho, e “fringe benefits”, salários competitivos e outros atrativos. É fundamental oferecer um plano de car-



reira que garanta aos colaboradores o desenvolvimento profissional desejado e projetos desafiantes dentro da organização. Num mundo que oferece oportunidades de trabalho globais, em diferentes geografias, este é um fator a ter em conta, já que influencia a vida diária das empresas. Também os impactos causados pelos mais recentes acontecimentos, seja a pandemia ou os conflitos geopolíticos, nos demonstram a força da globalização, mas também a necessidade de manter um compromisso local para dar resposta a necessidades específicas, de acordo com a máxima “Think global, act local”.



José Tavares de Almeida
Secretário-geral
da APIEM Associação Portuguesa de Importadores
e Exportadores de Medicamentos

1. A inovação em saúde assume extrema importância pois, em última análise, traduz-se na melhoria da qualidade de vida das populações. Neste contexto, a distribuição internacional de medicamentos pode desempenhar



um papel fundamental ao garantir, através da importação paralela, que os medicamentos inovadores chegam aos doentes a preços mais sustentáveis.

De facto, ao introduzir o fator concorrência no mercado, a importação paralela gera uma dupla poupança: direta, por colocar no país o mesmo medicamento a um preço mais baixo, e indireta, por competir intramarca. Aliás, no que diz respeito aos medicamentos protegidos por patente, os mesmos medicamentos, mas distribuídos paralelamente, são mesmo os seus únicos concorrentes.

Assim, sendo certo que é essencial salvaguardar a sustentabilidade das atividades de I&D [investigação e desenvolvimento] através das patentes, também é necessário

promover a sustentabilidade dos preços. Uma das maneiras mais eficazes de o fazer é precisamente através da distribuição paralela, pois, num contexto em que as despesas com saúde não param de crescer, a importação paralela gera poupanças consideráveis que ajudam a controlar os orçamentos de saúde.

É por isso, aliás, que a nível europeu as autoridades de saúde têm promovido os benefícios da importação paralela. A título de exemplo refira-se o caso da Polónia, onde foram geradas por esta via poupanças no valor de 720 milhões de euros entre 2010 e 2018.

Em Portugal, no entanto, ainda há um longo caminho a percorrer neste capítulo, nomeadamente a nível regulatório,

de forma a garantir que o país beneficia plenamente das vantagens da importação paralela.

2. O sector da saúde em Portugal emprega profissionais altamente qualificados, que gozam de grande prestígio a nível internacional devido à qualidade da sua formação e trabalho. Num mundo global, é precisamente aqui que reside um dos principais desafios no que diz respeito à gestão de talentos, sendo que a ambição e a escala dos projetos são fatores-chave para atrair e manter o talento em Portugal.



João Norte

Diretor de Corporate Affairs & Market Access da Bial

O projeto de Investigação e Desenvolvimento (I&D) da BIAL começou há mais de 25 anos. Assumimos a inovação como estratégica para o desenvolvimento e expansão da empresa, mas também como motor de crescimento da economia nacional e, fundamentalmente, como decisiva para a melhoria da qualidade de vida e da saúde das pessoas.

O primeiro passo passou por preparar a empresa para materializar esta estratégia. O processo de I&D na indústria farmacêutica é muito longo, incerto e dispendioso. Investimos em investigação sem saber quando, e se terá retorno. O caminho para o sucesso é feito de muitos insucessos.

Anualmente, BIAL aloca mais de 20% da faturação a I&D, e é uma das empresas portuguesas com maior investimento nesta área. O nosso primeiro medicamento inovador, um antiepilético, chegou ao mercado em 2009 e, em 2016, lançamos um segundo fármaco para a Doença de Parkinson. Estes são os únicos medicamentos de patente portuguesa, possibilitando que BIAL, diretamente

ou através de acordos de licenciamento, esteja hoje presente nos mercados mais competitivos a nível mundial. Tecnologia inovadora de base nacional está assim a chegar aos doentes de diferentes pontos do globo.

E, aqui, entra o segundo fator decisivo no desafio da inovação, as pessoas. Numa área tão exigente e complexa como é a investigação farmacêutica, alicerçada em recursos humanos altamente qualificados e especializados, a atração e retenção de talento são fatores críticos. Nesta vertente, para além do fator financeiro, acreditamos que há muito mais que inspira e motiva as nossas pessoas. Na BIAL valorizamos uma cultura de colaboração, responsabilidade, ética e respeito. O trabalho de equipa é um pilar, assim como a promoção de um ambiente de trabalho integrador, flexível, assente na formação e liberdade para criar coisas novas, pensar fora da caixa e inovar. Estes são fatores que consideramos essenciais para dar resposta ao desafio da atração/retenção de talento no mundo global em que vivemos.

Temos sido, e queremos continuar a ser, um motor de criação de emprego científico altamente qualificado, atraindo de volta ao nosso país talento nacional, bem como recrutando quadros diferenciados de outras nacionalidades.

Hoje, a BIAL conta com uma equipa de cerca de mil pessoas, em que 84% tem formação universitária e 10% são doutorados. Em I&D trabalham 181 pessoas, de 23 nacionalidades diferentes. É uma equipa altamente qualificada, composta por médicos, farmacêuticos, químicos, farmacologistas, bioquímicos. Colaboram com investigadores e cientistas de universidades, indústria e centros de investigação de todo o mundo num ambiente internacional, mas de proximidade.

No final move-nos – à organização e a cada uma das nossas pessoas – a certeza de trabalharmos para algo maior, o propósito de contribuir para melhorar a Saúde e de estarmos com os nossos medicamentos a fazer a diferença na vida de muitas pessoas.



Miguel Coelho
General Manager
Da Procare

2022 era aguardado com elevada expectativa, como o marco que assinalaria o fim de uma pandemia para a qual o mundo não estava preparado.

De todas as coisas negativas que ocorreram e que definitivamente alteraram a forma como vivíamos, o futuro deverá ser encarado como a implementação de tudo o que aprendemos com o confinamento global.

Falando mais especificamente da indústria farmacêutica de investigação, creio que foi globalmente reconhecido o seu mérito por, num tão curto espaço de tempo, ter sido possível conhecer o essencial de um vírus novo e estudar formas de prevenir ou atenuar os seus efeitos. Mas muito há ainda para aprender.

Investigar novas formas de combater a doença é um desafio constante à capacidade dos homens e mulheres se reinventarem diariamente. Para isolar uma molécula que um dia poderá vir a ser um medicamento, os investigadores enfrentam a frustração de dezenas de projetos falhados. É deste percurso de “estudo, tentativa, falha” e repetir tudo de novo que se alimenta a resiliência da Indústria Farmacêutica.

Na área da saúde da mulher, a Procare Health é um projeto de investigação desde a sua génese. Seguindo um alinhamento estratégico de desenvolver terapêuticas de base natural e não hormonais, os investigadores da empresa dedicaram-se a estudar exaustivamente soluções inovadoras, que vieram preencher lacunas terapêuticas ou melhorar as opções existentes.

Para além da Investigação, o que faz da Procare Health uma empresa singular são as pessoas que a compõem. Oferecemos a jovialidade de uma empresa que



celebra em 2022 o seu 10º aniversário, o quarto em Portugal, com presença em mais de 75 países. Esse crescimento é acompanhado pelo crescimento das suas gentes. A responsabilidade de fazer crescer uma organização como esta é de todos e a todos é devido o seu mérito. A forma como atraímos e retemos profissionais altamente qualificados deve-se ao facto de cada um dos seus colaboradores ser um elemento ativo nos processos de decisão, com um elevado grau de autonomia e responsabilidade. Tudo o resto vem por acréscimo.



Sérgio Alves
Country President
da AstraZeneca Portugal

1. A inovação deriva da diversidade – seja de pensamento, de conhecimento, das experiências vividas – e a AstraZeneca defende não apenas uma cultura de diversidade e inclusão, como de speak-up, em

que cada pessoa se sinta livre para partilhar as suas ideias e opiniões. Porque consideramos que a inovação é possível em todas as áreas, incitamos sempre as nossas Pessoas a desafiarem e a avaliarem a possibilidade de fazer de modo diferente. Paralelamente, a AstraZeneca, enquanto empresa focada na inovação científica, investe fortemente na investigação a nível local. Cerca de três milhões de euros são investidos anualmente em ensaios clínicos e estudos – quer sejam de iniciativa do investigador, quer de parcerias com a academia ou centros de investigação –, sempre com o intuito de inovar ao nível do conhecimento da realidade nacional.

2. As pessoas são o maior ativo de qualquer organização. Nesse sentido, a atração e retenção de talentos é uma prioridade e um desafio para todos, razão pela qual a AstraZeneca aposta fortemente na melhoria contínua enquanto empresa de excelência para trabalhar. E ser uma empresa de excelência para trabalhar é, não apenas conceder um pacote de benefícios apelativo, como apostar no desenvolvimento das Pessoas e no seu bem-estar, sempre tendo por base uma cultura de inovação e speak-up. É esta cultura que promove a partilha das aspirações profissionais, fundamental para o apoio das chefias e da própria

FÓRUM

companhia ao desenvolvimento de cada colaborador.

Enquanto empresa multinacional, presente em mais de 100 países, a Astra-Zeneca tem a vantagem de oferecer aos colaboradores oportunidades que lhes permitem experienciar o desenvolvimento de funções internacionais, tendo um amplo leque de programas que fomentam a mobilidade, funcional e territorial. Estas experiências permitem não apenas uma visão mais abrangente e sólida do negócio, como estão muitas vezes na base do desenvolvimento de carreiras internacionais.



Sara Barros
country manager
da Lundbeck Portugal

1. Na Lundbeck, apostamos na inovação como forma de responder aos desafios do sector, considerando-a essencial para o desenvolvimento, crescimento e competitividade. Nesse sentido, e como empresa farmacêutica especializada em doenças neurológicas e psiquiátricas, estamos na linha da frente da investigação e dedicamos todos os esforços a restaurar a saúde mental e do cérebro, para que cada pessoa possa estar no seu melhor.

Em termos de inovação, estamos focados na investigação e no desenvolvimento de medicamentos assumindo sempre um mesmo compromisso: recuperar a saúde do cérebro.

As novas tecnologias permitem que o know-how adquirido ao longo de 70 anos de experiência em Neurociências nos tornem numa das farmacêuticas mais reconhecidas ao nível da vanguarda tecnológica. Um conhecimento que se reflete na melhoria da prática clínica que observamos na comunidade médica, mas também ao nível das necessidades terapêuticas adaptadas a cada patologia.

A par desta inovação farmacológica,

a Lundbeck não fica indiferente aos avanços tecnológicos e tem na transformação tecnológica e na mudança das necessidades dos cuidados de saúde um dos seus grandes desafios. Assim, e baseados numa abordagem multicanal, apostamos na implementação de novas soluções no âmbito da informação em saúde, promovendo a transformação digital, o tratamento de dados, a sustentabilidade e uma maior proximidade da comunidade à inovação e aos benefícios que daí advêm.

Na Lundbeck as neurociências são a nossa essência e a inovação a nossa diferença.

2. No atual contexto empresarial reter o capital humano e desenvolver capacidades e competências que promovam o crescimento, tanto ao nível dos recursos humanos como da própria empresa, é por si só um enorme desafio.

Na Lundbeck, promovemos um ambiente de trabalho colaborativo com base na responsabilidade, no respeito, na igualdade e na inclusão, ao mesmo tempo que encorajamos o desenvolvimento dos colaboradores, tendo em conta as suas necessidades individuais. Estamos, nesse sentido, cada vez mais orientados para a formação, assim como para a adoção



de práticas que promovam o compromisso com a empresa e que influenciem positivamente a retenção de talentos e, conseqüentemente, o desenvolvimento de capacidades dinâmicas.

A preocupação com o bem-estar e segurança da nossa equipa é uma prioridade. Prova disso mesmo é o facto de sermos detentores da certificação Great Place To Work, uma distinção que reconhece a qualidade do ambiente de trabalho promovido na nossa empresa. Estamos, por isso, diariamente empenhados em fazer da Lundbeck um excelente local de trabalho, tendo por base valores dos quais

não abdicamos: orientação e foco para as pessoas; forte compromisso com a saúde mental e do cérebro; disponibilizar condições de trabalho adequadas, benefícios, desenvolvimento profissional e, sobretudo, oferecer um ótimo ambiente de trabalho.

Trabalhar a cultura, o compromisso e o ambiente da empresa são, desde sempre, as nossas prioridades!



Francisco Rocha Gonçalves

Head of Market Access,
Public Affairs and Trade da Sanofi

1. Somos uma companhia inovadora global de cuidados de saúde, movida por um propósito único: perseguimos o poder da ciência para melhorar a vida

das pessoas. Como tal, a nossa grande função é encontrar e disponibilizar opções de tratamentos inovadores, dando aos mesmos a capacidade de melhorar, transformar e proteger a vida a milhões de pessoas em todo o mundo.

A nível internacional as nossas equipas de I&D [investigação e desenvolvimento] estão a acelerar o desenvolvimento para entregar medicamentos e vacinas inovadoras e essenciais aos doentes, focando a nossa investigação em áreas terapêuticas chave em medicina especializada (oncologia, neurologia, imuno-alergologia, dermatologia, pneumologia, otorrinolaringologia, nefrologia e doenças raras) e vacinas (vírus sincicial respiratório, meningite, Covid-19) e utilizando novas plataformas (ex. mRNA) e modalidades para descobrir novos medicamentos.

No total, temos 91 moléculas em desenvolvimento, sendo 70% provenientes de investigação interna, com um investimento de 5,7 mil milhões de euros o que representa cerca de 15,1% das nossas vendas.

Portugal tende a ser um país cada vez mais facilitador da inovação, incentivando a criação de novos projetos e novas soluções e a saúde é, sem dúvida, um setor prioritário, não esquecendo nunca o lado humanizador dos cuidados prestados aos cidadãos.

A Sanofi tem investido no nosso país cerca de nove milhões de euros anualmente em investigação. Delineámos como uma das nossas prioridades a condução de ensaios clínicos na área da oncologia e imunologia. Participamos num total de 19 ensaios prioritários para a companhia e estamos neste momento a conduzir 31 Estudos Clínicos com 16 diferentes moléculas, beneficiando potencialmente 140 doentes.

Para correspondermos ao grande desafio da inovação, desenvolvemos estratégias específicas assentes em pilares como o know-how científico, a tecnologia de ponta e sobretudo as parcerias, que nos ajudam não só a entender e a analisar esses desafios, como também a enfrentá-los em prol da comunidade científica, dos profissionais de saúde e dos doentes.

Porque estamos profundamente conscientes de que o tempo é um recurso escasso, inspiramo-nos nas possibilidades da ciência transformadora porque juntos podemos ser mais rápidos, mais ambiciosos no desenvolvimento clínico para tornar a saúde mais acessível por todo o mundo.

Acreditamos que esta é a chave para corresponder aos desafios da inovação junto dos nossos doentes, colaboradores e parceiros.

2. A Sanofi tem estado a trabalhar para construir um ambiente mais diverso, inclusivo e equitativo e temos feito grandes progressos nesta nossa ambição. Pretendemos construir uma liderança representativa, criar um ambiente de trabalho onde as nossas pessoas possam exprimir a sua melhor versão e envolver-se com as comunidades que servimos.

A nossa resposta à constante inovação a que estamos expostos está ligada a toda esta transformação uma vez que a mesma fomenta o nosso propósito de ser genuinamente necessário proporcionar ambientes onde as pessoas se sintam envolvidas e alinhadas com todas as novas formas de trabalhar e, obviamente, com todas as condições para a evoluírem como profissionais e como pessoas.

Temos diversas iniciativas e políticas internas que nos permitem corresponder a estes pressupostos, desde a promoção de um modelo de trabalho flexível, diverso e inclusivo que se adapta às necessidades de cada um, capaz de promover um melhor equilíbrio entre vida pessoal e profissional; ao nosso talent graduate program, um programa que integra protocolos com universidades portuguesas para conceder estágios profissionais que permitam a aquisição de conhecimento e desenvolvimento de competências em contexto laboral real; ao lançamento de uma “Licença Parental Global” e mais recentemente ao lançamento da nossa plataforma de voluntariado “We Volunteer”. Estes são alguns exemplos de iniciativas que temos vindo a desenvolver para atrair e também para reter as nossas pessoas.

Acreditamos e temos a genuína convi-

ção que o caminho para a retenção e retenção talentos e bons profissionais não passa apenas pelos investimentos em inovação, mas também pela aposta na diversidade, a equidade e a inclusão. Só assim conseguiremos o melhor das pessoas dedicadas e talentosas que são a Sanofi e só desta forma podemos transformar a prática da medicina para melhorar a vida de milhões de pessoas em todo o mundo.

Diretório



PATOLOGIAS MENTAIS E DO CÉREBRO

- » Depressão
- » Esquizofrenia
- » Ansiedade
- » Doença Bipolar
- » Enxaqueca
- » Doença de Alzheimer
- » Doença de Parkinson



OUR BELIEFS

Patient-Driven
Courageous
Ambitious
Passionate
Responsible

Lundbeck, há 20 anos a cuidar da saúde mental e do cérebro dos portugueses

A 14 de agosto de 1915, Hans Lundbeck fundou a sua primeira empresa, em Copenhaga, que começou por operar como uma companhia comercial. A partir de meados da década de 1920, adicionou produtos farmacêuticos ao seu portfólio. Foi desde essa altura que a investigação constante e o desenvolvimento científico têm feito parte do nosso ADN e são a nossa maior contribuição para a sociedade.

Avanços esses que chegaram a Portugal

a 2 de janeiro de 2002, assinalando-se este ano 20 anos de presença no mercado nacional. Um marco que nos enche de orgulho e esperança no futuro, sobretudo por nos encontrarmos num momento de mudança e de preparação para o lançamento de novas soluções terapêuticas, para problemas de saúde tão diversos como a enxaqueca e a esquizofrenia.

A Lundbeck é uma das únicas empresas farmacêuticas do mundo com dedica-

www.lundbeck.com



ção exclusiva às doenças mentais e do cérebro, diferenciando-se pela inovação e especialização. Fomos pioneiros em algumas das terapêuticas mais importantes e utilizadas na prática clínica para várias patologias psiquiátricas e neurológicas. Estamos na vanguarda das neurociências!

Presente em mais de 50 países, contamos já com cerca de 5.800 colaboradores distribuídos pelas áreas de investigação, desenvolvimento, produção, marketing e vendas. Com produtos disponíveis em todos os continentes e em mais de 100 países, a companhia encontra-se dotada de vários programas de investigação e desenvolvimento, assim como de centros de investigação na Dinamarca e nos EUA e instalações de produção localizadas na Dinamarca, França e Itália. Trabalhamos ainda em estreita colaboração com doentes, profissionais de saúde e



Sara Barros
Country Manager



José Custódio
National Hospital
Sales Manager



Maria Emília Resende
National Retail
Sales Manager

com a comunidade neurocientífica para descobrir as causas e encontrar novos tratamentos, que possam trazer de volta a qualidade de vida das pessoas que vivem com distúrbios mentais e do cérebro.

Estima-se que 700 milhões de pessoas em todo o mundo vivam com doenças do cérebro e que um elevado número sofre devido a tratamento inadequado, discriminação, absentismo laboral, reforma antecipada e outras consequências desnecessárias. A nossa principal missão é fazer com que todos os que sofrem destes problemas de saúde possam estar no seu melhor.

É por essa razão que, além de estarmos na linha da frente da investigação neurocientífica, também procuramos contribuir para uma melhor informação e literacia da sociedade, através de ações educativas de sensibilização, não só junto dos doentes, familiares, cuidadores, profissionais de saúde, mas também junto da população em geral.

Exemplo disso é a iniciativa “Depressão Sem Rodeios” que arrancou o ano passado e tem contribuído para combater mitos e crenças que existem na saúde mental, mais especificamente na área da depressão. Com o mote “A depressão é mais do que um estado de humor”, a campanha tem como principais objetivos reduzir o estigma e a desvalorização associados à doença e alertar para a necessidade de procurar ajuda médica atempadamente, assim como chamar a atenção para os sintomas, desmistificar a procura de ajuda médica e acesso ao tratamento adequado, e diminuir a discriminação social relacionada com esta patologia. Um alerta à população para uma doença muito prevalente e que afeta milhares de portugueses.

A nossa paixão por fazer a diferença para os doentes está patente em todas as nossas ações. Construímos a nossa herança fomentando uma cultura de colaboração, responsabilidade e respeito e estamos todos incansavelmente dedicados em restaurar a saúde mental e do cérebro.



» **Filipe Novais**
Diretor Geral, Astellas Farma

We live the Astellas Way

A Astellas Farma Portugal é uma afiliada da Astellas Pharma Inc., que tem sede em Tóquio. Somos, uma companhia focada na investigação de produtos farmacêuticos inovadores.

A Investigação e o Desenvolvimento estão no centro de tudo o que fazemos, permitindo-nos desenvolver novos medicamentos com potencial para ajudar milhões de pessoas. É por este motivo que estamos focados em transformar ciência inovadora em valor para doentes, em áreas com necessidades médicas não atendidas.

As áreas de foco estão em constante adaptação, de forma a dar resposta aos avanços da ciência e às mudanças no paradigmas do tratamento da doença. Dadas as grandes mudanças no ambiente do setor da saúde, percebemos que identificar oportunidades de descoberta de medicamentos de forma mais flexível e eficiente se torna crucial para o nosso desenvolvimento, bem como para a criação de valor para os doentes. A nossa abordagem não é fixa, evolui continuamente, adaptando os seus componentes para refletir o progresso da investigação e desenvolvimento e os avanços mais recentes em ciência e tecnologia. Isto permite que a Astellas desenvolva os seus pontos fortes enquanto identifica e realiza novas oportunidades de descoberta



de medicamentos de maneira flexível e eficiente.

Todos os dias empenhamo-nos em áreas terapêuticas prioritárias, tais como a Oncologia, Urologia, Transplantação, Hematologia e Nefrologia. O nosso maior compromisso é proporcionar aos doentes melhor qualidade de vida e esperança num futuro melhor e é por isso que a nossa Raison d'Être se traduz em contribuir para melhorar a saúde das pessoas em todo o mundo, fornecendo medicamentos inovadores e confiáveis.

Tendo como missão o crescimento sustentado do valor da empresa, procuramos ser uma empresa de eleição entre todos os nossos stakeholders, incluindo os seus clientes, acionistas, colaboradores, e a comunidade global e esforçando-nos para ganhar a confiança de todos aumentando assim o seu valor.

Primamos por investir numa inovação consciente, que traga vantagens claras

para a terapêutica dos doentes. Assim, temos em desenvolvimento um pipeline de fármacos inovadores, destinados a áreas com opções terapêuticas limitadas.

Uma mentalidade aberta e inovadora orientada para alcançar resultados, através de um elevado sentido ético e sempre com principal foco no doente, caracteriza a nossa atuação enquanto Astellas.

O nosso olhar permanece no lançamento de novos produtos e na ampliação do alcance do nosso portfólio atual: “Na vanguarda, transformando ciência inovadora em valor para o doente”.

Patient Focus
Ownership
Results
Openness
Integrity

We live the
Astellas Way

www.astellas.com/pt/



Sérgio Alves
Country President



Rosário Trindade
Corporate Affairs
& Market Access Director



Bruno Fernandez
Chief Financial Officer



Diana Malhado
Oncology Business
Unit Director



Sílvia Cruz
CRVM & R&I
Business Unit Director



Maria João Maia
Human Resources
& Legal Director



Carlos Frederico Carvalho
Innovation & Business
Excellence Director

www.astrazeneca.pt



AstraZeneca Portugal

A AstraZeneca é uma biofarmacêutica global, com presença em mais de 100 países, cujo objetivo passa por desenvolver e disponibilizar terapêuticas inovadoras em quatro áreas: Cardiovascular, Renal e Metabólica; Respiratória e Imunológica; Oncologia; Vacinas e Imunoterapias. Recentemente, adquiriu a Alexion, passando também a contar com um portefólio na área das doenças raras.

Contudo, a atividade da AstraZeneca vai muito além da promoção dos seus produtos. Com as equipas focadas nas necessidades dos doentes portugueses, são desenvolvidas parcerias com sociedades científicas, universidades, centros de investigação, ordens profissionais e associações de doentes, no sentido de potenciar a partilha de conhecimento entre especialistas, gerar evidência local para algumas patologias cujos dados são escassos ou carecem de atualização e apoiar campanhas de sensibilização dirigidas à população, contribuindo, assim, para o aumento da literacia em saúde. A sustentabilidade está no nosso ADN. Uma das prioridades da AstraZeneca é a sustentabilidade, dividida em três eixos orientadores: a proteção ambiental, o acesso aos cuidados de saúde e a ética e transparência.

Na esfera ambiental, a AstraZeneca tem desenvolvido um trabalho que engloba não só a sensibilização dos seus colaboradores

para o cumprimento de boas práticas, mas também o objetivo de uma frota totalmente elétrica até 2025, um edifício mais sustentável e ainda a realização de ações de reflorestação anuais, com a plantação de 5000 árvores por ano, ou a limpeza de praias.

Ao nível da ética e transparência, a companhia tem apostado na segurança e bem-estar dos colaboradores, assim como na promoção da inclusão e diversidade. Destaque para a cultura de speak-up, em que cada um pode partilhar a sua opinião e dar as suas ideias, ou a criação de oportunidades internas e disponibilização de formação nas mais variadas áreas.

No campo do acesso aos cuidados de saúde, a AstraZeneca trabalha para que milhões de pessoas tenham acesso a terapêuticas sustentáveis que atuem quer no tratamento, quer na prevenção de dezenas de doenças. Esse trabalho passa pela inovação científica, pelo desenvolvimento de parcerias e pela garantia de igualdade na saúde. As campanhas de disease awareness, desenvolvidas em parceria com associações de doentes e sociedades científicas, são um exemplo. Também a parceria a nível global com o Fórum Económico Mundial e a London School of Economics and Political Science para uma análise profunda da sustentabilidade e resiliência dos sistemas de saúde denota a preocupação da companhia nesta área.



CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

- » **António Horta Osório**
Chairman
- » **António Portela**
CEO
- » **Richard Pilnik**
Membro não executivo
- » **José Redondo**
Finance & Operations
- » **Miguel Portela**
Corporate
- » **José Almeida Bastos**
Business Operations
- » **Joerg Holenz**
Research & Development



BIAL – Inovação e Internacionalização

Fundada em 1924, a BIAL é hoje uma farmacêutica internacional de inovação, constituindo o maior grupo farmacêutico português.

Com a missão de encontrar, desenvolver e fornecer novas soluções terapêuticas, nas últimas décadas as linhas estratégicas da empresa estiveram centradas na Qualidade, na Inovação e na Internacionalização. Focalizada na Investigação & Desenvolvimento (I&D) de novos medicamentos, a BIAL é a única farmacêutica portuguesa com produtos de investigação própria no mercado: um medicamento para a epilepsia, disponível na Europa e nos EUA, e um anti-parkinsoniano, também comercializado em vários países europeus, EUA, Japão e Coreia do Sul.

Atualmente, a empresa conta com uma equipa de cerca de 1000 pessoas, em que 84% tem formação universitária e 10% são doutorados, que diariamente trabalha para levar aos doentes as melhores terapêuticas.

Com mais de 15.000 novas moléculas sintetizadas, a BIAL aloca, em média, mais de 20% da sua faturação anual à I&D, centrada nas neurociências e doenças cardiovasculares. Nesta área estão 181 pessoas, de 23 nacionalidades. Esta equipa colabora com investigadores e

cientistas de universidades, indústria e centros de investigação para conseguir entregar medicamentos inovadores a todos os profissionais de saúde, pacientes e suas famílias.

Paralelamente, o grupo tem vindo a reforçar a sua presença internacional e tem atualmente filiais em 10 países, incluindo EUA, Espanha, Alemanha, Reino Unido e Itália. Nos territórios onde a empresa não tem presença direta colabora com parceiros comerciais, possibilitando que os seus medicamentos cheguem a mais de 50 países.

Em 2020, a BIAL constituiu uma filial nos Estados Unidos da América, a BIAL Biotech Investments Inc, um centro de excelência focado no desenvolvimento de terapias para mutações genéticas associadas à doença de Parkinson, em Cambridge, Boston.

Em Portugal, a BIAL tem um portfólio de medicamentos diversificado que abrange as áreas cardiometabólica, sistema nervoso central, respiratória, músculo-esquelética, saúde da mulher e maternidade.

A caminho do centenário, BIAL mantém como grande objetivo ser uma companhia farmacêutica de inovação com presença global com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das pessoas com novas soluções terapêuticas.

www.bial.com

A GSK está empenhada em unir a ciência, talento e tecnologia para, juntos, vencer as doenças



GlaxoSmithKline (GSK) Produtos Farmacêuticos, Lda

ESTRUTURA

» 130 profissionais na área farmacêutica

EQUIPA DE LIDERANÇA

- » **António Guerra**
Commercial Manager Vacinas
- » **Armindo Cardoso**
Commercial Manager Specialty Care
- » **Cassandra Pineda**
Responsável de Recursos Humanos
- » **Guilherme Monteiro Ferreira**
Market Access & External Affairs Director
- » **Margarida Carvalho**
Compliance Officer
- » **Marta Correia**
Responsável Financeira
- » **Maurizio Borgatta**
Diretor-Geral
- » **Neuza Teixeira**
Medical Manager
- » **Rita Mexia**
Pharma Director
- » **Sandra Clara**
Digital & Innovation Manager
- » **Tânia Saraiva**
Commercial Manager Oncology

A GSK, uma das empresas líderes do sector farmacêutico, tem a inovação como um dos seus pilares, procurando, assim, responder à procura dos consumidores por novas terapêuticas. Existe uma pressão para a inovação? Que desafios pode essa pressão trazer?

A maior pressão que existe é, sem dúvida, as necessidades médicas não atendidas e os milhões de pessoas que enfrentam problemas de saúde com elevado impacto na sua qualidade de vida e longevidade. Inovação é uma das nossas prioridades e, em 2021, investimos £5,3 mil milhões de libras em I&D para descobrir novos ativos e abordagens terapêuticas para necessidades médicas não satisfeitas. Isso traduz-se em 43 novos medicamentos e 21 novas vacinas em desenvolvimento, até ao final do ano passado. Continuamos a assistir a um desinvestimento local na área do medicamento, sendo Portugal um dos três países da OCDE que, nos últimos anos, reduziu o financiamento público neste domínio. Esta realidade faz com que o acesso dos doentes portugueses à inovação seja tardio e em condições de enorme iniquidade, comparativamente ao resto da Europa. A saúde deve merecer maior atenção e, além da necessidade de um reforço do investimento, é urgente reformular e reinventar os processos de avaliação e aprovação das novas tecnologias de saúde, que em nada contribuem para afirmar Portugal como um país inovador e comprometido com a saúde e bem-estar dos seus cidadãos. O acesso dos doentes à inovação deve considerar os ganhos em saúde, com métricas de avaliação dos benefícios para os doentes e critérios de decisão baseados nas tecnologias que geram maior valor e retorno.

Como conjugam a vertente comercial e responsabilidade social?

São áreas absolutamente complementares. No que diz respeito à vertente comercial, quanto melhor for a nossa Performance mais ambiciosos estamos a ser pelo bem-estar e saúde dos nossos doentes, entregando as vacinas e os medicamentos que fazem a diferença nas suas vidas. Relativamente à Responsabilidade Social, queremos ser líderes em ESG. Dessa forma, procuramos dar resposta aos principais desafios ambientais, sociais e de governança, para impactar positivamente a saúde de mais de 2.500 milhões



Maurizio Borgatta
Diretor Geral da GSK Portugal

de pessoas nos próximos 10 anos. No que diz respeito à sustentabilidade ambiental, enquanto empresa de ciência e inovação das ciências da saúde, sentimos uma responsabilidade acrescida na resposta ao desafio global das alterações climáticas. Identificamos seis eixos de ação em que consideramos poder ter um impacto muito significativo: poluição atmosférica; gestão racional da água; proteção florestal; resiliência dos sistemas de saúde; impacto da doença; saúde e bem-estar. Em cada uma destas áreas estamos a trabalhar com diferentes parceiros para maximizar o impacto que podemos ter.

A GSK lidera o ranking “Access to Medicine Index (ATMI)”. Fazer chegar medicamentos e vacinas inovadores a quem mais precisa é um desafio?

É com enorme orgulho que a GSK lidera o ranking “Access to Medicine Index” desde a sua primeira edição, estando em primeiro lugar entre as 20 maiores empresas farmacêuticas do mundo.

Respondendo à sua questão, é um desafio enorme. Enfrentamos desafios acrescidos na disponibilização da inovação, com processos de decisão burocráticos e complexos, que culminam com um acesso lento e desigual à inovação. Esta realidade tem um impacto muito negativo a todos os níveis. A começar na vida das pessoas, que têm acesso tardio e desigual à inovação, e também ao nível socioeconómico, com grande dificuldade para as multinacionais de inovação em conseguir captar projetos estruturais de investimento para o país.

www.gsk.pt



PHARMACEUTICAL COMPANIES OF
Johnson & Johnson

COMITÉ EXECUTIVO



Filipa Mota e Costa
Diretora Geral



Manuel Salavessa
Diretor Médico
e Regulamentar



Branca Barata
Diretora de Market
Access



Patrícia Gouveia
Diretora Comercial
e de Marketing



Nuno Cunha
Diretor de Customer
Strategy



Maria Faria
Diretora de Corporate
Affairs



Paulo Sá
Diretor Financeiro



Sofia Brito
Diretora de Recursos
Humanos

ÁREAS TERAPÊUTICAS

- » Imunologia
- » Infeciologia
- » Neurociências
- » Oncologia
- » Hipertensão Arterial Pulmonar

www.janssen.com/portugal

Janssen aposta na inovação na procura por um futuro sem doença

Na Janssen, companhia farmacêutica do grupo Johnson & Johnson, o maior grupo de cuidados de saúde do mundo, temos a ambição de criar um futuro em que a doença se torne algo do passado. Com um dos mais inovadores e diversificados pipelines do setor, a nossa capacidade em desenvolver e disponibilizar soluções terapêuticas é amplamente reconhecida a nível global, e remete-se num legado de que nos orgulhamos.

Com o propósito de responder aos desafios da pandemia e a outras doenças que não deixaram de existir, reforçamos o nosso investimento em Investigação & Desenvolvimento no último ano para cerca de 12 mil milhões de euros na descoberta e desenvolvimento de novos tratamentos para milhões de doentes em todo o mundo. São mais 86% do que investimentos em vendas e marketing, espelhando bem o papel da ciência e da inovação na matriz e identidade da nossa companhia.

Em áreas tão desafiantes como a Oncologia, a Imunologia ou a Hipertensão Arterial Pulmonar, os ganhos em anos de sobrevivência com qualidade de vida são conquistas que muito nos orgulham, com os nossos medicamentos a fazerem a diferença na vida de milhares de pessoas todos os dias.

Na Saúde Mental continuamos a contribuir para a desinstitucionalização de muitos doentes psiquiátricos, permitindo-lhes a estabilidade necessária para a tão desejada integração social. E vamos ainda continuar a investir nesta área, procurando novas respostas para os doentes com depressão grave.

Este também será o ano em que entramos numa nova área, a da Esclerose Múltipla, com a ambição de dar mais qualidade de vida aos doentes.

E persistimos no nosso contributo para combater alguns dos maiores desafios da humanidade, tais como a Tuberculose Multirresistente ou o Ébola.

Focados em seis áreas terapêuticas - Oncologia, Neurociências, Imunologia, Doenças Cardiovasculares e Metabólicas, Hipertensão Pulmonar e Infeciologia - trabalhamos com todos, das autoridades locais ao mundo académico, numa intensa colaboração aberta à procura de novas soluções para trazer qualidade de vida aos doentes. e Nos últimos cinco anos, reforçamos, em média, por ano, o nosso investimento em Investigação em mais 11,6%, consolidando a posição cimeira dos últimos anos no Pharmaceutical Innovation Index a nível mundial.

Em Portugal toda esta atividade é prestada em resposta aos doentes para que tenham acesso à inovação que lhes possa trazer mais e melhores anos de vida. Em 2018, Portugal voltou a integrar a lista de países prioritários para a I&D da Janssen, numa conquista que muito nos orgulha e que tem vindo a dar frutos, permitindo disponibilizar a cada vez mais doentes o acesso precoce a muitas terapêuticas inovadoras.

Estes últimos anos têm mostrado a rápida transformação do mundo e enquanto companhia farmacêutica líder sabemos que podemos responder e dar o nosso contributo para que fique melhor. Estamos a trabalhar para que Portugal seja parte cada vez mais ativa nesta resposta, hoje e no futuro.



Acompanhando a mulher em todas as fases da sua vida.



www.procurehealth.com.pt

Procure Health Portugal

Naturally Woman

“Comprometidos com a Mulher de Hoje” é uma afirmação que demonstra o propósito da Procure Health, enquanto empresa de Investigação & Desenvolvimento na área da Saúde da Mulher e que acompanhou sempre o crescimento da empresa.

Este ano, em 2022, assinalamos os primeiros 10 anos de vida deste projeto, “acompanhando a mulher em todas as fases da sua vida”. Esta expressão resulta da dinâmica que a Procure Health tem atualmente, com um portefólio de produtos que dá resposta a múltiplas situações que afetam a qualidade da saúde feminina.

Apesar de dispormos de uma oferta cada vez mais alargada de terapêuticas, que investigamos, produzimos e distribuimos, mantemo-nos fiéis ao nosso princípio de desenvolver soluções de base natural e isentos de hormonas. Esta é uma variável de que não abdicamos, que assenta no profundo conhecimento que temos na investigação de produtos com estas características. Damos assim resposta a uma preocupação de sustentabilidade, que é partilhada cada vez por mais pessoas e organizações.

Em Portugal, depois de quatro anos de vida, dos quais dois passados em confinamento, a Procure Health ganhou já um



Miguel Coelho
General Manager

“Em 2018 juntámos um grupo de pessoas a quem lançámos o desafio de criar a Procure Health Portugal. Hoje, somos uma organização global, fruto do que cada um dos seus colaboradores dá de si próprio para podermos oferecer excelência em tudo o que fazemos.”



João Rijo
Responsável Região Norte/Centro

“Depois de uma já longa experiência na Indústria Farmacêutica, vim encontrar na Procure Health Portugal uma empresa inclusiva, participativa e onde prevalece sempre a humanidade. Por tudo isso, esta é uma empresa onde sentimos não trabalhar por obrigação mas sim por prazer!”

estatuto de empresa parceira na Saúde da Mulher, colaborando com decisores, profissionais de saúde e doentes de uma forma a que nos obrigamos, enquanto elementos ativos da sociedade.



Carla Cerqueira
Responsável Lisboa Norte

“Tem sido verdadeiramente enriquecedor fazer parte de um projeto com um impacto tão positivo na melhoria da qualidade de vida dos nossos pacientes”



Ana Guerra
Responsável Lisboa Sul

“Trabalhar na Procure tem feito de mim uma mulher mais atenta aos problemas das outras mulheres e mais consciente do papel que podemos e devemos ter na saúde e na qualidade de vida das mulheres portuguesas; têm sido uns anos desafiadores mas extremamente gratificantes.”

E preparamo-nos agora para mais 10 anos de vida, alargando cada vez mais a nossa pegada, que já percorre mais de 75 países.

www.procurehealth.com.pt



Melhorar a vida das pessoas através da Inovação

Os Laboratórios Salvat são uma companhia farmacêutica independente de capital privado, propriedade da família Peris e sediada em Barcelona. Desde a sua fundação, em 1955, que a Salvat trabalha para melhorar a qualidade de vida das pessoas através da inovação e do desenvolvimento de medicamentos e produtos de saúde de valor acrescentado. Atualmente, comercializa os seus fármacos em mais de 60 países do mundo e mantém processos de registo noutros 30. A Salvat conta com uma estrutura comercial própria em Portugal e Espanha, e com parceiros comerciais noutros países do mundo. Em Portugal, iniciou a sua atividade em 2016 e, desde então, mantém a intenção de continuar a crescer, tanto em portfólio como em estrutura, e de disponibilizar as melhores soluções aos doentes, com produtos de qualidade e garantia de custo-efetividade. Movida pela ambição de internacionalização, em 2006, a Salvat dá início à sua operação nos EUA, com a criação da Salvat USA, sediada em Miami, na Flórida, a partir da qual gere a sua expansão internacional.

www.svt.com

Laboratórios Salvat, S.A: (+34) 933 946 400 | Carrer del Gall, 30-36 08950, Esplugues de Llobregat Barcelona, Espanha | salvat@svt.com PHARMALOOP, S.L.: (+34) 918 883 600 | Pol. Industrial Azque Boívia, 15 28806, Alcalá de Henares, Madrid, Espanha | www.pharmaloop.es



Alberto Bueno
Diretor Geral

Uma das áreas estratégicas da Salvat é a Oftalmologia. Em 2023, a companhia estima lançar o primeiro corticoide ocular em nanoemulsão para a inflamação e a dor pós cirurgia ocular, num investimento superior a 20 milhões de euros. A companhia também submeteu recentemente à FDA e às autoridades europeias a aprovação do primeiro fármaco tópico para o tratamento localizado da otite externa fúngica, cujos ensaios clínicos decorreram em hospitais portugueses, noutros países da Europa, EUA e México.



Francisco Rocha Gonçalves
Head of Market Access, Public Affairs and Trade

A Sanofi é uma companhia global da área da saúde que une pessoas dedicadas e talentosas a ciência de ponta para transformar a prática da medicina.

A nossa equipa está presente em cerca de 100 países e centra a sua atividade em 4 áreas: Medicina Especializada, Medicina Familiar, Vacinas e Consumer Healthcare (unidade autónoma).

Somos movidos por um propósito que nos une: perseguimos o poder da ciência para melhorar a vida das pessoas, através da disponibilização de opções de tratamento potencialmente transformadoras e vacinas que salvam a vida a milhões de pessoas, ao mesmo tempo que colocamos a sustentabilidade e a responsabilidade social

no centro das nossas ambições. As nossas equipas de Investigação e Desenvolvimento estão a acelerar o desenvolvimento de novas soluções essenciais, em áreas como a oncologia, a imunologia e as vacinas. A condução de ensaios clínicos tem sido prioritária no nosso país, com 31 Ensaios e Estudos Clínicos em curso, em mais de 140 centros de investigação.

Acreditamos que a nossa ciência e produção inovadoras, alimentadas por tecnologias digitais e de dados, têm o potencial de transformar a prática da medicina, tornando o impossível em possível para milhões de pessoas no mundo.

O progresso une-nos e conduz-nos ao crescimento, para aprendermos e para juntos ultrapassarmos os nossos limites.

SANOFI PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA,

☎ (+351) 213 589 400
📍 Empreendimento Lagoas Park, Edifício 7 – 3º Piso, 2740-244 Porto Salvo, Portugal
✉ geral.pt@sanofi.com - www.sanofi.pt

A. MENARINI PORTUGAL FARMACÊUTICA S.A.

Quinta da Fonte, Edifício D. Manuel I - Piso 2-A
2770-071 Paço de Arcos
Telef: 210 935 500
Site: www.menarini.pt

ABBOTT LABORATÓRIOS, LDA

Estrada de Alfragide, 67
Alfraparque - Edif. D 2610-008 Amadora
Telef: 214 727 100
Site: www.pt.abbott

ABBVIE, LDA.

Estrada de Alfragide, 67 - Alfrapark - Edifício D - Alfragide 2610-008 Amadora
Telef: 211 9084 00
Site: abbvie.com

ALMIRALL - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA

Rua do Central Park, Edifício 3, 6, 4º B 2795-242 Linda-a-Velha
Telef: 214 155 750
Site: www.almirall.com

Alcon

Quinta da Fonte, Edifício Q56 - D. Pedro I, Rua dos Malhões, Nº 5, 1º Piso, Frações C e D
2770-071 Paço de Arcos
Alter S.A.
Estrada Marco do Grilo
Zemouto 2830 COINA
Tel.: 212 109 430

AMGEN - BIOFARMACÊUTICA, LDA

Edifício D. Maria I (Q60)-Piso 2A
Quinta da Fonte
2770-229 Paço de Arcos
Telef: 214 220 550
Site: www.amgen.pt

ANGELINI FARMACÊUTICA, LDA

Rua João Chagas, 53 - 3º
1495-072 Algés
Telef: 214 148 300
Site: www.angelini.pt

ASTELLAS FARMA, LDA

Lagoas Park Edifício 5, Torre C,
Piso 6 2740-245 Porto Salvo

Telef: 214 401 300

Site: www.astellas.com.pt

ASTRAZENECA - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA

Rua Humberto Madeira, 7 Queluz
de Baixo 2730-097 Barcarena

Telef: 214 346 100

Site: www.astrazeneca.pt

BAUSCH & LOMB, S.A

Av. da República, 25 - Fracção 6A
1050-186 Lisboa

Telef: 214 253 347

Site: www.bausch.com

BAYER PORTUGAL, LDA

R. da Quinta do Pinheiro, 5
Ourela 2794-003 Carnaxide

Telef: 214 172 121

Site: www.bayer.pt

Baldacci Portugal, S.A.

Rua Cândido de Figueiredo, 84 B
1549-005 Lisboa

Tel.: 217 783 031

BENE FARMACÊUTICA, LDA

Av. D. João II, Ed. Atlantis,
44-C - 1º 1990-095 Lisboa

Telef: 211 914 455

Site: www.benefarmaceutica.pt

BIAL - PORTELA & CA., S.A.

Av. da Siderurgia Nacional
4745-457 São Mamede Coronado

Telef: 229 866 100

Site: www.bial.com

BIALPORT - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, S.A

Estrada do Paço do Lumiar
Campus do Lumiar Edifício O
1649-038 Lisboa

Telef: 217 704 010

Site: www.bial.com

BIOGEN PORTUGAL**SOCIEDADE FARMACÊUTICA, UNIPESSOAL LDA.**

Av. Duque D'Ávila, 141 - 7º andar
1050-081 Lisboa

Telef: 213 188 450

Site: www.biogen.pt

BIOMERIEUX PORTUGAL - APARELHOS E REAGENTES DE LABORATÓRIO, LDA

Av. 25 de Abril de 1974, 23, 3º
2795-197 Linda-a-Velha

Telef: 214 152 350

Site: www.biomerieux.pt

BLUEPHARMA GENÉRICOS - COMÉRCIO DE MEDICAMENTOS S.A.

Rua da Bayer São Martinho
do Bispo 3045-016 Coimbra

Telef: 239 800 300

Site: www.bluepharma.pt

BOEHRINGER INGELHEIM, LDA

Unifarma, Lda. Av. de Pádua, 11
1800-289 Lisboa

Telef: 213 135 300

Site: webmaster@lis.boehringer-ingelheim.com

BRISTOL-MYERS SQUIBB FARMACÊUTICA PORTUGUESA, S.A

Quinta da Fonte Edif. Fernão de
Magalhães, Rua Quinta da Fonte
2780-730 Paço de Arcos

Telef: 214 407 000

Site: www.bms.com (ATENÇÃO À MORADA)

BSG PHARMACEUTICALS PRODUTOS FARMACÊUTICOS INOVADORES, S.A

Av. Casal Ribeiro, 18 - 7º Dto
1000-092 Lisboa

Telef: 213 522 785

Site: www.schuelke.pt

BOIRON

Edif. Mar do Oriente - Rua do Mar
Vermelho, Nº 2 - Fração 2.4
1990 - 152 Lisboa

Tef: 211 932 091

Site: www.boiron.pt

CELGENE, SOCIEDADE UNIPESSOAL, LDA.

Lagoas Park, Edifício 7 - Piso 1
Sul 2740-244 Porto Salvo

Telef: 210 044 300

Site: www.celgene.com

CICLUM FARMA UNIPESSOAL, LDA

Quinta da Fonte, Edifício
D. Amélia, Piso 1 - Ala B
2770-229 Paço de Arcos

Telef: 211 209 870

Site: www.ciclumfarma.pt

CPCH - COMP. PORT. CONSUMER HEALTH, LDA

Av. António Augusto de Aguiar
108-8.º 1050-019 Lisboa

Telef: 214 449 630

Site: www.cpch.pt

DAIICHI SANKYO PORTUGAL, LDA

Rua das Lagoas Pequenas,
Edifício 5B, Piso 3 Lagoas Park,
2740-245 Porto Salvo

Telef: 214 232 010

Site: www.daiichi-sankyo.pt

DÁVI II FARMACÊUTICA, S.A

Estr. Consiglieri Pedroso,
71 Edifício D - 3º Esq.
2730-055 Barcarena

Telef: 214 340 000

Site: www.davi.pt

EISAI FARMACÊUTICA, UNIPESSOAL, LDA

Lagoas Park - Edifício 5 Letra A -
Piso 6 2740-298 Porto Salvo

Telef: 214 875 540

Site: www.eisai.com

FERRER PORTUGAL S.A.

Rua Quinta do Paizinho, 1 - 1º Dto
Portela de Carnaxide
2794-066 Carnaxide

Telef: 214 449 600

Site: www.ferrer.com

FERRING PORTUGUESA, LDA.

Rua Alexandre Herculano, Edif. 1 -
6º Piso 2795-240 Linda-a-Velha

Telef: 219 405 190

Site: www.ferring.pt

FRESENIUS MEDICAL CARE PORTUGAL, SA.

Rua Prof. Salazar de Sousa,
Lote 12 Urbanização da Qta. das
Pedreiras 1750-233 Lisboa

Telef: 217 501 100

Site: www.fresenius-medical-care.pt

GEDEON RICHTER PORTUGAL, SA

Apartado 19081
EC Gare do Oriente
1991-901 Lisboa

GILEAD SCIENCES, LDA.

Atrium Saldanha Praça Duque de
Saldanha, 1 - 8ª e B
1050-094 Lisboa

Telef: 217 928 790

Site: www.gilead.com

GLAXO WELLCOME FARMACÊUTICA, LDA.

Rua Dr. António Loureiro Borges,
3 Arquiparque-Miraflores
1499-013 Algés

Telef: 214 129 500

Site: www.gsk.com

GLAXOSMITHKLINE - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA.

Rua Dr. António Loureiro Borges,
3 Arquiparque-Miraflores
1499-013 Algés

Telef: 214 129 500

Site: www.gsk.com

GLAXOSMITHKLINE CONSUMER HEALTHCARE - PRODUTOS PARA A SAÚDE E HIGIENE, LDA.

Rua Dr. António Loureiro Borges,
3 Arquiparque-Miraflores
1495-131 Algés

Telef: 214 129 500

Site: www.gsk.com

GRUNENTHAL, S.A.

Alameda Fernão Lopes, 12 - 8ª
1495-190 Algés

Telef: 214 726 300

Site: www.grunenthal.pt

IPSEN PORTUGAL - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, S.A.

Alameda Fernão Lopes, 16 - 11º
Miraflores 1495-190 Algés
Telef: 214 123 550
Site: www.ipsen.com

ISDIN - LABORATÓRIO FARMACÊUTICO

UNIPESSOAL, LDA
Edifício Xerox Av. Infante D
Henrique, 1C 1950-421 Lisboa
Site: www.isdin.com

JABA RECORDATI S.A.

Avenida Jacques Delors
Edifício Inovação 1.2 Piso 0
Tagus Park Parque de Ciência e
Tecnologia 2740-122 Porto Salvo
Telef: 214 329 500
Fax: 21 9151930
Site: www.jaba-recordati.pt

JANSSEN CILAG FARMACÊUTICA, LDA

Lagoas Park, Edifício 9
2740-262 Porto Salvo
Telef: 214 368 600
Site: www.janssen.com/portugal

JOHNSON & JOHNSON, LDA.

Lagoas Park, Edifício 9
2740-262 Porto Salvo
Telef: 214 368 600
Site: www.jnj.pt

KORANGI - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA.

Rua da Vinha, 17 2765-388 Estoril
Telef: 219 251 901
Site: www.korangi.pt

LABORATÓRIO EDOL, PRODUTOS FARMACÊUTICOS, S.A.

Rua Casal do Canas, n-6
2790-204 Carnaxide
Telef: 214 158 130
Site: www.edol.pt

LABORATÓRIO MEDINFAR - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, S.A

Rua Henrique de Paiva Couceiro,
29, Venda Nova 2700-451
Amadora
Telef: 214 997 400
Site: www.medinfar.pt

LABORATÓRIOS ATRAL, S.A

Rua da Estação,
42 Vala do Carregado
2600-726 Castanheira do Ribatejo
Telef: 263 856 800
Site: www.atralcipan.com

LABORATÓRIOS AZEVEDOS - INDÚSTRIA FARMACÊUTICA, S.A.

Estrada da Quinta 148 – 148 A
Manique de Baixo
2645-436 Alcabideche
Telef: 214 725 900
Site: www.grupoazevedos.com

LABORATÓRIOS BASI - INDÚSTRIA FARMACÊUTICA, S.A.

Parque Industrial Manuel
Lourenço Ferreira, Lote 15
3450-232 Mortágua
Telef: 231 920 250
Site: www.basi.pt

LABORATÓRIOS GALDERMA SA - SUCURSAL EM PORTUGAL

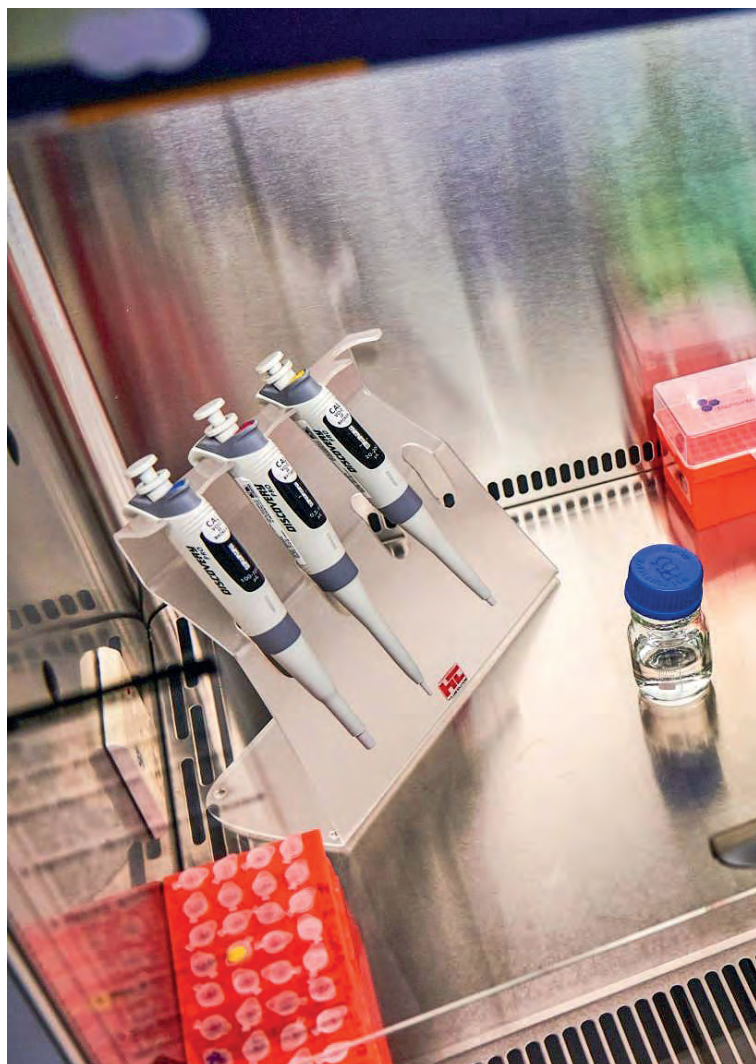
Rua Afonso Praça, nº 30 – 7º
andar 1495-061 Algés
Telef: 213 151 940
Site: www.galderma.pt

LABORATÓRIOS INIBSA, S.A.

Sintra Business Parck,
Edifício 1 - 2º | Zona Industrial
da Abrunheira 2710-089 Sintra
Telef: 219 112 730
Site: www.inibsa.pt

LABORATÓRIOS PFIZER, LDA.

Lagoas Parque, Edifício 10
2740-271 Porto Salvo
Telef: 214 235 500
Site: www.pfizer.pt

**LABORATÓRIOS VITÓRIA, S.A.**

Rua Elias Garcia, 28
2700-327 Amadora
Telef: 214 758 300
Site: www.labvitoria.pt

LEO FARMACÊUTICOS, LDA.

Rua Soeiro Pereira Gomes,
Lote 1 – 5ªA 1600-196 Lisboa
Telef: 217 110 760
Site: www.leofarmaceuticos@leo-pharma.com

LILLY PORTUGAL - PRODUTOS FARMACÊUTICOS, LDA.

Torre Ocidente - R. Galileu Galilei,
2 Piso 7 Fracção A/D
1500-392 Lisboa
Telef: 214 126 600
Site: www.lilly.pt

Ferraz Lynce, SA

Rua Consiglieri Pedroso, 123
2731-901 Barcarena
Portugal

LUNDBECK PORTUGAL - PRODUTOS FARMACÊUTICOS UNIPESSOAL, LDA.

Rua da Quinta da Quinta, Ed. Q37
Plaza II, n.º5, Piso 0, fração D e E
2770-203 Paço de Arcos
Telef: 210 045 900
Site: www.lundbeck.com



**LUSOMEDICAMENTA,
SOCIEDADE TÉCNICA
FARMACÊUTICA, S.A.**
Estrada Consiglieri Pedroso, 69-B
Queluz de Baixo
2730-055 Barcarena
Telef: 214 340 000
Site: www.lusomedicamenta.pt

MEDTRONIC PORTUGAL, LDA.
Centro Empresarial
Torres de Lisboa,
Rua Tomás da Fonseca, Torre E .
11º andar 1600-209 Lisboa
Telef: 217 245 100
Site: www.medtronic.pt

**MENARINI DIAGNÓSTICOS -
MATERIAL
DE LABORATÓRIO, LDA.**
Quinta da Fonte, Edifício D.
Manuel I, 2º B
2770-203 Paço de Arcos
Telef: 210 930 000
Site: www.menarinidiag.pt

MERCK SHARP & DOHME, LDA.
Edif. Vasco da Gama, 19 Quinta
da Fonte 2770-192 Paço de Arcos
Telef: 214 465 700
Site: www.msd.pt

MERCK, S.A.
Edifício DUO Miraflores Alameda
Fernão Lopes, 12 - 5A,B e 4B
1495-190 Algés,
Telef: 213 613 500
Site: www.merck.pt

**MUNDIPHARMA
FARMACÊUTICA, LDA.**
Lagoas Park Edifício 4 Piso 1
Norte, R. Encosta das Lagoas
2740-267 Porto Salvo Oeiras
Telef: 219 013 162
Site: www.mundipharma.pt

**NORGINE - PORTUGAL
FARMACÊUTICA
UNIPESSOAL, LDA.**
Edifício Smart, Rua do Pólo Norte
e Alameda dos Oceanos, Lote
1.06.1.1 – Escritório 1C
1990-235 Lisboa

**NOVARTIS FARMA -
PRODUTOS
FARMACÊUTICOS, S.A.**
Av. Prof. Dr. Cavaco Silva, 10 E
Taguspark 2740-255 Porto Salvo
Telef: 210 008 600
Site: www.novartis.pt

**NOVO NORDISK PORTUGAL
Quinta da Fonte,**
Rua Quinta da Quintã, n.º 1 - 1.º,
2770-203 Paço de Arcos
Telef: 214 404 000
Site: www.novonordisk.pt

OM PHARMA S.A.
Rua da Indústria, 2 -
Quinta Grande
2610-088 Amadora
Telef: 214 708 500
Site: www.ompharma.pt

**ORTHO CLINICAL
DIAGNOSTICS Portugal**
Unipessoal, LDA Lagoas Park –
Edifício 2 2740 – 265 Porto Salvo
Telef: 800 201 339
Site: www.orthoclinicaldiagnostics.com

**PHARMAKERN PORTUGAL -
PRODUTOS FARMACÊUTICOS
SOC. UNIPESSOAL, LDA.**
Avenida do Forte, 3, Edifício
Suécia I, Piso 0, salas 1.04 e 1.29
2794-038 Carnaxide
Telef: 214200290
Site: www.pharmakern.com

**PROCARE HEALTH PORTUGAL
PCHP – WOMAN CARE
UNIP LDA**
Lagoas Park, Edifício 7, Piso 1 Sul
2740-244 Porto Salvo
Telef: 211 224 719
Site: infopt@procarehealth.com

**ROCHE - SISTEMAS DE
DIAGNÓSTICOS, SOCIEDADE
UNIPESSOAL, LDA.**
Estrada Nacional, 249 - 1
2720-413 Amadora
Telef: 214 257 000
Site: www.roche.pt

**ROCHE FARMACÊUTICA
QUÍMICA, LDA.**

Estrada Nacional, 249 - 1
2720-413 Amadora

Telef: 214 257 000

Site: www.roche.pt

**SANOFI - PRODUTOS
FARMACÊUTICOS, LDA.**

Empreendimento Lagoas Park -
Edifício 7 - 3º andar
2740-244 Porto Salvo

Telef: 213 589 400

Site: www.sanofi.pt

**SERVIER PORTUGAL -
ESPECIALIDADES
FARMACÊUTICAS, LDA.**

Av. António Augusto
de Aguiar, 128

1050-020 Lisboa

Telef: 213 122 000

Site: www.servier.com

**SOFARIMEX - INDÚSTRIA
QUÍMICA****E FARMACÊUTICA, SA.**

Avenida das Indústrias
Alto de Colaride 2735-213 Cacém

Telef: 214 328 200

**TAKEDA - PRODUTOS
FARMACÊUTICOS, LDA.**

Quinta da Fonte,
Rua dos Malhões nº5,
Edifício Q56 D. Pedro I, Piso 3
2770-071 Paço de Arcos

Telef: 211 201 457

Site: www.takeda.pt

**TECNIFAR - INDÚSTRIA
TÉCNICA FARMACÊUTICA, S.A.**

Rua José da Costa Pedreira,
11B – Torre Sul
1750-130 Lisboa

Telef: 210 330 700

Site: www.tecnifar.pt

**TECNIMEDE - SOCIEDADE
TÉCNICO-MEDICINAL, S.A.**

Rua da Tapada Grande,
2 Abrunheira
2710-089 Sintra

Telef: 210 414 100

Site: www.tecnimedede.pt

THERMO FISHER SCIENTIFIC

11, Lagoas Park, Edifício n, 2740-
270 Porto Salvo

**UCB PHARMA (PRODUTOS
FARMACÊUTICOS), LDA.**

Estrada de Paço de Arcos, 58
P - 2770-130 Paço de Arcos

Telef: 21 302 5300

Site: www.ucb.com

**VIIVHIV HEALTHCARE,
UNIPESSOAL, LDA**

Rua Dr. António Loureiro
Borges, nº3, Arquiparque -
Miraflores 1499-013 Algés

Telef: 210 940 801

Site: www.viivhealthcare.com

**ZAMBON - PRODUTOS
FARMACÊUTICOS, LDA.**

Rua Comandante Enrique Maya, 1
1500-192 Lisboa

Telef: 217 600 954

Site: www.zambon.pt

ZENTIVA PORTUGAL, LDA

Alameda Fernão Lopes, nº16,
bloco A, 8º Piso,

1495-190 Algés – Portugal

Tel: (+351) 21 060 13 60

E-mail: pt-zentiva@zentiva.com

Site: www.zentiva.pt



As informações deste diretório, foram gentilmente cedidas pela Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica, que congrega a maioria das empresas do setor. Esta listagem é, pois, representativa do setor, ainda que não inclua a totalidade das empresas farmacêuticas que operam em Portugal.

